

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS MODERNAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS/INGLÊS

MARION SOUTO DA ROSA LEMES

**AS SOCIEDADES MATRIFOCAL E PATRIARCAL NA ERA
ARTURIANA: A REPRESENTAÇÃO DE MORGANA, EM AS *BRUMAS
DE AVALON***

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

CURITIBA

2013

MARION SOUTO DA ROSA LEMES

**AS SOCIEDADES MATRIFOCAL E PATRIARCAL NA ERA
ARTURIANA: A REPRESENTAÇÃO DE MORGANA, EM AS *BRUMAS*
*DE AVALON***

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação, apresentado à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso 2, do Curso Superior de Licenciatura em Letras Português – Inglês da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado.

Orientadora: Prof^a. Dra. Regina Helena Urias Cabreira

CURITIBA

2013



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal Do Paraná
Departamento Acadêmico de Comunicação e Expressão
Departamento Acadêmico de Línguas Estrangeiras Modernas
Licenciatura em Letras Português/Inglês



TERMO DE APROVAÇÃO

AS SOCIEDADES MATRIFOCAE PATRIARCAE NA ERA ARTURIANA: A
REPRESENTAÇÃO DE MORGANA, EM AS *BRUMAS DE AVALON*

por

MARION SOUTO DA ROSA LEMES

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) foi apresentado em 24 de abril de 2013 como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Letras – Português/Inglês. A candidata foi arguida pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho aprovado.

Prof^ª Regina Helena Urias Cabreira

Prof.(a) Orientador(a)

Prof^ª Márcia dos Santos Lopes

Membro titular

Prof^ª Noemi H. B. Perdigão

Membro titular

- O Termo de Aprovação assinado encontra-se na Coordenação do Curso -

Às grandes mulheres que dedicam suas vidas em prol da minha felicidade: Rossana, Ivone (*in memoriam*), Dione e Isabelle.

À minha pequena irmã Júlia, meu maior presente.

Às mulheres guerreiras, exemplos para minha jornada pessoal e profissional: Regina, Simone, Gláucia e Rita.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, expresso minha gratidão à espiritualidade, pois aprendi que não importa o nome que atribuímos a Deus (ou à Deusa), uma vez que seus desígnios me guiaram até aqui e me fizeram perceber o quanto sou abençoada.

Agradeço, profundamente, à minha orientadora, “mãe” e amiga, Prof^a Regina Helena Urias Cabreira, por ter sido minha guia nos momentos difíceis não só deste estudo, mas de todo o percurso durante o curso de Letras; por ter confiado nas minhas ideias e, principalmente, por ser a responsável por auxiliar no reencontro com minha própria natureza intuitiva.

Às professoras Márcia Lopes e Noemi Perdigão, pelas contribuições à minha pesquisa, aceitando participar da banca examinadora, além da professora Andréia Gomes, pelo carinho, paciência e ajuda com as normas.

À minha mãe, Rossana, pela dedicação e amor durante toda a minha vida, por sempre me apoiar e acreditar em minha capacidade, quando eu mesma não acreditei.

Ao meu pai, Iron, exemplo de persistência e um dos responsáveis por eu conseguir chegar ao fim de uma graduação.

Aos meus avós, Ivone e Dulci (*in memoriam*), que iluminam meus passos e me guardam de um outro plano.

À Dione e Isabelle, pelo apoio incondicional, não só nestes meses de trabalho, mas também durante toda a vida.

Aos meus amigos, que compreenderam minhas ausências e me socorreram nos momentos mais delicados, além dos meus colegas de turma, companheiros nessa jornada do TCC. Concluimos essa fase juntos e eles estarão para sempre no meu pensamento e no meu coração.

À Simone, por me ajudar a buscar a paz interior e a ser mais paciente comigo mesma e com os outros.

E a todos que não foram citados, mas que, indiretamente, contribuíram para o encerramento de um ciclo tão importante quanto este.

Sou aquela que é a mãe natureza de todas as coisas, senhora e regente de todos os elementos, progenitora inicial dos mundos, chefe dos poderes divinos, rainha de todos os que estão no inferno, soberana daqueles que habitam o céu, através de uma só e única forma em todos os deuses e deusas.

Os planetas do céu, os ventos saltares que sopram do mar e os silêncios lamurientos do inferno são dispostos segundo minha vontade. Meu nome, minha divindade, é adorada em todas as partes do mundo, de diversas maneiras, com costumes variados e segundo várias denominações.

(Edward Whitmont, 1991)

RESUMO

LEMES, Marion S. R. *As sociedades matrifocal e patriarcal na Era Arturiana: A representação de Morgana, em As Brumas de Avalon*. 2013. 53f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras – Português/Inglês) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2013.

A representação da identidade feminina na literatura suscita várias reflexões acerca do papel da mulher ocidental no mundo contemporâneo, em termos políticos, econômicos e religiosos. Desse modo, esta pesquisa se debruça sobre a obra *As Brumas de Avalon*, de Marion Zimmer Bradley, averiguando de que maneira o patriarcado se desenvolveu e se consolidou na sociedade retratada na obra. Para isso, examinamos o confronto da personagem Morgana com essa nova realidade, uma vez que ela é a peça principal no embate estabelecido entre a fé pagã e a religião cristã na Bretanha, durante o Período Medieval. As teorias de Barros (2001), Koss (2000) e Quintino (2002), nos fornecem um panorama do processo histórico de consolidação do patriarcado, bem como do conflito dessa configuração com os resquícios da sociedade matrifocal retratados no romance. Além disso, as obras de Moraes (2002), Muraro (2000) e Perrot (2005) apresentam subsídios para elucidar o percurso da formação da identidade da personagem inserida no contexto da Era Arturiana. Morgana realiza uma trajetória envolta por períodos de dúvidas, culpas ou, no extremo oposto, de plena afirmação de suas crenças. Contudo, a protagonista percebe, enfim, que o culto pelo qual tanto lutara para preservar não havia se extinguido, mas se adaptado aos novos moldes sociais, ou seja, ela conseguiu enxergar a figura da Deusa transposta na imagem da Virgem Maria, no cristianismo. Sendo assim, este estudo culmina em um processo de resgate da gênese da natureza feminina, visto que traz questionamentos para a sociedade contemporânea, sem, no entanto, deixar de se reportar à lenda em questão.

Palavras-chave: Estudos Femininos. *As Brumas de Avalon*. Paganismo. Cristianismo. Identidade. Morgana.

ABSTRACT

LEMES, Marion S. R. *The matrifocal and patriarchal societies in Arthurian Era: The representation of Morgaine in The Mists of Avalon*. 2013. 53f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras – Português/Inglês) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2013.

Several reflections of the role of women in the Western world can be raised by the representation of the female identity in literature, in political, economical and religious terms. Thereby, this research focuses on the book *The Mists of Avalon*, by Marion Zimmer Bradley, ascertaining how patriarchy has developed and has been consolidated in the society portrayed in the work. Moreover, the center is the character Morgaine and her confrontation with the new, since she is the main part in the clash between the pagan faith and the Christian religion in Britain, during the Medieval Period. This work emerges from the theories of Barros (2011), Koss (2000) and Quintino (2002), which provide an overview of the historical process of consolidation of patriarchy, as well as the conflict with the remnants of the matrifocal society portrayed in the novel. Furthermore, studies of Moraes (2002), Muraro (2000) and Perrot (2005) provide the background to elucidate the course of identity formation of the main character into the context of the Arthurian Era. Morgaine performs a path surrounded by periods of doubt, guilt or complete assertion of her values. However, the protagonist realizes that the cult in which she had been fighting to preserve had not been extinguished. It had been adapted by new social patterns. In other words, she could observe the figure of the Goddess transposed to the image of the Virgin Mary in Christianity. Therefore, this study culminates in a redemption process of the female nature genesis, for it brings several questions to western contemporary society, without, however, fail to report to the legend in question.

Key-words: Women's studies. *The Mists of Avalon*. Paganism. Christianity. Identity. Morgaine.

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	9
2 MULHER: O ENTORPECIMENTO E O REENCONTRO COM A DEUSA	113
2.1 A DEUSA, A VIRGEM E A PROSTITUTA ATRAVÉS DOS SÉCULOS	16
2.2 MUDANÇA DE PARADIGMA: O PODER DO PATRIARCADO.....	21
3 ATRAVESSANDO AS BRUMAS DE AVALON.....	26
3.1 CRISTIANISMO <i>VERSUS</i> PAGANISMO: O PAPEL DO FEMININO	28
3.2 MORGANA: CONFRONTO E ADAPTAÇÃO AO MUNDO CRISTÃO.....	33
3.2.1 Tomo Um: A Senhora da Magia.....	33
3.2.2 Tomo Dois: A Grande Rainha	36
3.2.3 Tomo Três: O Gamo-Rei.....	38
3.2.4 Tomo Quatro: O Prisioneiro da Árvore.....	41
3.3 O RESGATE DA DEUSA NA SOCIEDADE PATRIARCAL.....	44
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49
REFERÊNCIAS.....	52

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Observamos, ao longo dos séculos, a pilhagem, a redução do espaço e o esmagamento da natureza instintiva feminina. Durante longos períodos, ela foi mal gerida, à semelhança da fauna silvestre e das florestas virgens. Há alguns milênios, sempre que lhe viramos as costas, ela é relegada às regiões mais pobres da psique. As terras espirituais da Mulher Selvagem, durante o curso da história, foram saqueadas ou queimadas, com seus refúgios destruídos e seus ciclos naturais transformados à força em ritmos artificiais para agradar os outros.

(Clarissa Pinkola Estés, 1994)

Ao longo da história da humanidade muitos paradigmas se alteraram de acordo com as necessidades do sistema sócio-político-religioso de cada época. A evolução, tanto individual quanto social, rumou para um caminho de enaltecimento do racionalismo, distanciando-se de sua relação com a natureza. Em outras palavras, tudo o que provinha do saber instintivo da humanidade foi submetido aos preceitos do saber científico. Analogamente, o mesmo ocorreu na relação entre o feminino e o masculino, sendo que o primeiro, relacionado aos ciclos naturais, viu-se rebaixado, dominado pelo poder do outro, isto é, pela centralização do patriarcado.

Nas manifestações literárias, as quais refletem a sociedade em que estão inseridas, não poderia ser diferente. Sendo assim, a construção e a representação da identidade feminina na literatura é um aspecto gerador de muitas reflexões acerca da relevância do papel da mulher ao longo da história, de suas repercussões em termos políticos, econômicos e religiosos, e também da forma como isso contribuiu para a visão contemporânea deste papel na sociedade ocidental. A mulher, ao longo dos séculos, viu-se silenciada pela dominação masculina e, até hoje, o discurso subjacente a esse processo ainda encontra seus alicerces na construção de um pensamento que, infelizmente, ainda segrega o feminino, fazendo com que a misoginia continue sendo alimentada no seio da nossa sociedade.

As Brumas de Avalon, de Marion Zimmer Bradley, publicada pela primeira vez em 1979, apresenta um enfoque que questiona o sistema para o qual a sociedade se voltou, ou seja, a perda da ligação do ser humano com a natureza. Um estudo de uma obra que se reporta ao período medieval representa, para a sociedade contemporânea, uma tentativa de resgate dos valores ligados ao feminino, uma vez que se trata de conceitos perdidos com o advento da sociedade patriarcal e da crescente importância da crença judaico-cristã.

Por meio desse viés, este estudo se debruça sobre o romance citado, o qual apresenta a mulher como foco narrativo da lenda do Rei Artur. É interessante notarmos que essa lenda tornou-se famosa por destacar a bravura do Rei Artur e de seus cavaleiros, isto é, centrando-se nas figuras masculinas que compunham o cenário de valorização e destaque ao herói. Contudo, as diversas representações das mulheres na lenda, ao longo da história das narrativas arturianas, foram constituídas de modo ambíguo, ora destacadas como submissas à dominação dos homens, ora transgressoras às regras vigentes na sociedade no Período Medieval. A obra da norte americana Marion Zimmer Bradley faz uma releitura da lenda do Rei Arthur, centrando-se nas intrigantes personagens femininas, as quais compõem o cenário de consolidação do cristianismo, especialmente no que diz respeito ao poder da Igreja e, conseqüentemente, ao fortalecimento da sociedade patriarcal. O romance representa justamente esse momento de transição: de um lado, percebe-se a decadência de uma comunidade com o foco predominantemente na figura feminina, ou seja, uma sociedade inspirada em valores matrifocais, de acordo com concepções religiosas fundadas na antiga religião pagã. Nos primórdios da humanidade, essa sociedade não permitia distinções hierárquicas entre homens e mulheres, o princípio do coletivo era exacerbado, não havendo espaço para guerras ou destruições da natureza. Por outro lado, depreende-se a expansão do cristianismo, centrado na figura do patriarca, submetendo o feminino aos preceitos dessa sociedade em ascensão.

Dentre a pluralidade de personagens femininas na obra *As Brumas de Avalon*, escolhemos como objetivo deste trabalho a análise da personagem Morgana, peça fundamental na história de Bradley, a qual vive, em sua trajetória, a transição e o conflito entre as sociedades em questão. Morgana, representante dos valores pregados pela tradição da Deusa, a antiga religião de Avalon, é obrigada a se adaptar ao mundo cristão, permitindo questionamentos acerca das crenças que cerceavam a sociedade em processo de construção no Período Arturiano¹.

Dado esse panorama geral, esta pesquisa divide-se em dois capítulos principais para a exploração da obra. O primeiro consiste em estabelecer os pilares teóricos que fundamentam nossa análise, isto é, as raízes históricas de emergência e consolidação do patriarcado na sociedade medieval da Bretanha. Para tanto, é preciso comparar os preceitos da nova ordem social em ascensão com os valores que regiam as comunidades que cultuavam a Grande

¹ Optamos por explorar as origens históricas desse período no capítulo 2, mas, de uma maneira geral, Barros (2005) atribui o ciclo arturiano como pertencente ao século V, sendo que as lendas referentes ao período só se popularizariam a partir do século XII.

Deusa como detentora da vida e da morte; enfim, dos eternos ciclos que cerceiam a existência da natureza e da humanidade. Os estudos de Barros (2001), Quintino (2002), Koss (2000) e Campbell (2011) são os que sustentam esse processo inicial de investigação da tradição da Deusa, além das pesquisas de Bauer (2001) e Moraes (2002), as quais nos fornecem subsídios para compreender o processo histórico de destituição do poder da mulher nas sociedades pré-históricas e a institucionalização da sociedade patriarcal. Vale lembrar que as mudanças sociais não surgiram apenas por alterações no paradigma de gênero, ou seja, na função de mulheres e homens na sociedade medieval, mas foram fruto, também, de uma transformação na configuração religiosa da época, a qual retirou o papel místico atribuído à mulher e colocou todos os poderes nas mãos do patriarca, através da admissão de uma divindade única e masculina nas entranhas da civilização. Ainda no capítulo das reflexões teóricas, estabelecemos um paralelo entre as modificações religiosas e sociais ocorridas na Idade Média e a configuração da sociedade ocidental no século XXI, já que se trata de mudanças que permaneceram arraigadas no ser humano, ao ponto que, ainda hoje, as discussões de gênero são relevantes e representam os resquícios de um pensamento consolidado há mais de mil anos. Para este momento, as reflexões de Muraro (2000) e Perrot (2005) são essenciais para elucidarmos a relação homem/mulher analogamente à relação cultura/natureza que, infelizmente, ainda vigora na atualidade.

O capítulo seguinte consiste na análise propriamente dita da trajetória da personagem Morgana. Primeiramente, o intuito é estabelecer uma diferenciação do papel da mulher, tanto na sociedade pagã, quanto na cristã, representadas por duas personagens antagônicas em relação a essas crenças, ou seja, Morgana e Gwenhwyfar, respectivamente. Em seguida, examinamos profundamente o conflito existente entre a protagonista, Morgana, e a fé cristã, mostrando, tanto os períodos de confusão, culpa, raiva e remorso da personagem em relação à própria crença, quanto os momentos de maior fanatismo e afirmação de sua identidade enquanto sacerdotisa de Avalon. Por fim, investigamos a adaptação de Morgana ao mundo patriarcal, por meio da compreensão da personagem de que o culto que ela tanto defendera e lutara para manter vivo nos hábitos do povo não havia se extinguido completamente, mas também se adaptara ao emergente mundo patriarcal, de modo que a Grande Mãe do Universo pudesse ser associada à figura da mãe do Cristo, a Virgem Maria.

Analisados esses aspectos, nossa pesquisa cumpre seu propósito em restaurar a preocupação com a natureza, tão exposta ao domínio e à depredação que o ser humano vem causando, pois esse é um dos reflexos do racionalismo exacerbado advogado pelo patriarcado, além de nos mostrar até que ponto o desrespeito à natureza tem se perpetuado

historicamente. Do mesmo modo, o papel da mulher deve ser reanalisado em nossa sociedade contemporânea, afinal, ainda vivemos em uma época em que ocorre uma grande disparidade salarial entre homens e mulheres, assim como os estereótipos criados acerca da função de cada um na vida familiar e social também se encontram vigentes, reforçando os comportamentos de discriminação e subserviência, construídos historicamente e ainda atuantes no cenário sócio-político e cultural, através dos valores pregados na atual configuração.

2 MULHER: O ENTORPECIMENTO E O REENCONTRO COM A DEUSA

Trinta raios rodeiam o eixo.
 Mas é onde os raios não raíam
 que a roda roda.
 Vaza-se a vasa e se faz o vaso.
 mas é o vazio que perfaz a vasilha.
 Casam-se as paredes e se encaixam portas,
 Mas é onde não há nada
 que se está em casa.
 Falam-se palavras e se apalavram falas.
 Mas é no silêncio
 que mora a linguagem.
 O ser faz a utilidade,
 mas é o nada que perfaz o sentido.

(Lao Tsé – *Tao Te Ching*)

A reflexão que desejamos promover neste capítulo se refere, sobretudo, ao que significa ser mulher no século XXI. Para muitos e muitas, o feminino, hoje, é sinônimo de direitos adquiridos, ou mesmo de equiparação ao homem, em termos econômico-político-sociais. Porém, como esquecer a disparidade salarial a que as mulheres ainda são submetidas perante os homens, em plena era digital, além de sua dupla (e até mesmo tripla) jornada como parte do sustento e do trato ao lar? E o que dizer, então, daquelas que são vítimas de agressões e abusos físicos, verbais e psicológicos? Não há dúvidas de que o feminino foi subjugado durante séculos em sociedades nas quais imperava o domínio e o poder masculinos, muito menos de que ocorreu a destituição da identidade desse ser social “mulher”, a qual transitou historicamente pelo limbo do silêncio. Contudo, no decorrer do século XX e no início do atual, a mulher despertou de seu torpor e iniciou um processo de tomada de consciência acerca da situação familiar e social em que se inserira. O processo e as lutas decorrentes dessa conscientização são graduais, mas contribuíram e ainda contribuem para uma sensação de estabilidade em termos de igualdade de direitos, mesmo que isso não seja uma verdade completa.

O conceito de feminino sempre esteve entrelaçado à natureza, ao espiritual e ao intuitivo, por razões que serão exploradas no decorrer deste capítulo, considerando os mitos primordiais e as associações estabelecidas ao longo da história da humanidade. Entretanto, na Era da globalização, isto é, em um tempo de pensamento racional já consolidado, associar a figura da mulher aos ciclos naturais e ao pensamento intuitivo parece inviável, já que o ser humano busca automatizar os aspectos da vida prática, inclusive os relacionamentos interpessoais. De acordo com Muraro (2000), podemos dizer que o crescimento do uso de

tecnologias foi o grande gatilho para fixar as bases do pensamento racional na humanidade, de modo que se instaurou um pragmatismo desordenado, em virtude de uma política desenfreada, em que o importante é sobressair-se perante os demais. Não possuímos o objetivo de criticar o uso das tecnologias das quais os indivíduos dispõem para auxiliar o cotidiano, e sim atentar ao fato de que o desequilíbrio gerado através da obsessão pelo racionalismo ocasionou um esquecimento da natureza, inclusive por parte das próprias mulheres, envolvendo-as nessa armadilha do ganha-perde e tornando-as competitivas ao ponto em que o importante deixa de ser a reconstrução de uma identidade feminina e se transforma em uma corrida desesperada para alcançar o patamar de poder masculino. Prova disso é a depredação desordenada pela qual a natureza vem sendo submetida, cuja função é servir, unicamente, aos interesses imediatos da humanidade, desconsiderando as gerações futuras e as consequências a que já estamos expostos, em virtude dessa ignorância.

O fato de os temíveis mitos de destruição da espécie humana se encontrarem em possíveis catástrofes naturais não é por acaso. Muraro (2000) esclarece esse aspecto, conscientizando-nos de que o crescimento da humanidade está descontrolado por causa da ânsia coletiva em busca de mais informações, mais tecnologia, mais praticidade e, conseqüentemente, mais racionalidade. Segundo a pesquisadora, é justamente esse crescimento desordenado que poderá levar a humanidade a um colapso, pois “a razão pura é louca, a racionalidade é insana, quando dissociada da emoção.” (MURARO, 2000, p. 46).

Conforme explicitamos anteriormente, o processo de tomada de consciência por parte das mulheres é lento, ainda que consideremos os grandes avanços das últimas décadas, em que elas têm se tornado cada vez mais participativas nas esferas política, econômica e social, dentro da atual configuração. A principal questão emergente dessa discussão é de quem é a culpa por séculos de aceitação passiva? Seria da própria mulher que não soube se impor e transformar a situação na qual encarceraram suas ideias, pensamentos e ações? Na verdade, a questão vai muito além da vontade própria. Os principais motivos dessa lentidão estão ligados à própria história da repressão ao feminino. De acordo com Perrot (2005), a história das mulheres ocorreu por meio de seu silenciamento:

[...] sua postura normal é a escuta, a espera, o guardar as palavras no fundo de si mesmas. Aceitar, conformar-se, obedecer, submeter-se e calar-se. Pois este silêncio, imposto pela ordem simbólica, não é somente o silêncio da fala, mas também o da expressão, gestual ou escriturária. (PERROT, 2005, p.10)

Do exposto acima, podemos depreender que não havia meios de expressão para a mulher, ou, quando havia, eram realizados por meio das palavras de um homem, conforme a própria Perrot (2005) nos esclarece². Além disso, ela exemplifica a relação do conceito de fraqueza física aplicado às mulheres, tendo em vista não o real padrão físico, mas o processo de imobilização de sua força, por meio da civilização. Sendo assim, é perceptível a forma como o discurso de dominação masculina se encontra arraigado na sociedade, mesmo considerando apenas os resquícios presentes desse pensamento. Por meio do silêncio feminino, por muito tempo, o homem se impôs como chefe de família e subjugou sua companheira apenas para dentro do lar, responsabilizando-a pelo trato doméstico e o cuidado dos filhos. Silenciada, iniciou-se um processo de desvalorização da capacidade das mulheres, inclusive pelas próprias mulheres. Moraes (2002) discorre acerca desse aspecto, afirmando a existência de crenças de que reivindicar seria um ato contra a ordem, fazendo com que a ideia de inferioridade fixasse raízes e se internalizasse culturalmente. A partir disso, o sexo feminino passou a mostrar aos outros apenas a imagem que lhe era permitida, ou seja, a da submissão. Logo, não se pode atribuir a culpa desse silenciamento às mulheres, mas considerar todo o sistema social e discursivo que as jogou nessa armadilha de inferioridade e repressão.

Conforme explicitado anteriormente, a situação da mulher no século XXI está calcada em um despertar muito recente de sua condição, em termos históricos, de modo que as lutas por igualdade e (re)construção de identidade feminina ainda estão sendo sedimentadas e assimiladas pela sociedade atual. Curiosamente, a relação entre o ser humano e a natureza está se transformando de modo análogo: há, sem dúvida, maior preocupação com os danos causados ao meio ambiente, aspecto que nem sequer era levado à discussão até meados do século XX. Moraes (2002) entende que esse processo de encontro de identidade se relaciona ao resgate da voz e da subjetividade da mulher, sem dissociá-lo da percepção coletiva construída historicamente, uma vez que é justamente esse último ponto o responsável por criar a identidade de um grupo. A maneira como isso está se efetivando na sociedade é uma discussão que poderá ser analisada mais profundamente adiante. Antes, porém, é necessário explicitar alguns conceitos ligados à natureza do feminino, associando-os, principalmente, ao ambiente natural, assim como os aspectos que delinearão e enfim consolidaram a sociedade

² “A falta de informações concretas e circunstanciadas contrasta com a abundância dos discursos e a proliferação de imagens. As mulheres são mais imaginadas do que descritas ou contadas, e fazer a sua história é, antes de tudo, chocar-se contra esse bloco de representações que as cobre e que é preciso necessariamente analisar, sem saber como elas mesmas as viam, as viviam.” (PERROT, 2005, p.11)

em sua ordem patriarcal. Então, posteriormente, poderemos compreender como os mitos primordiais em relação ao feminino ainda se fazem presentes na configuração social atual, bem como de que maneira o lançamento das raízes do patriarcado proliferou as ervas daninhas da repressão e contribuiu para que a mulher passasse a temer o homem.

2.1 A DEUSA, A VIRGEM E A PROSTITUTA ATRAVÉS DOS SÉCULOS

Conforme mencionado na introdução deste trabalho, os pilares teóricos para a análise da obra *As Brumas de Avalon*, de Marion Zimmer Bradley, estão fundamentados nos preceitos do culto pagão à Grande Deusa Mãe, também chamado de religião da Deusa³. Primeiramente, é necessário debruçarmo-nos nas origens do culto à grande mãe como detentora da vida, bem como a representação do aspecto materno dentro dessa simbologia, além de comprovar os efeitos causados na sociedade. Na sequência, devemos compreender o percurso histórico pelo qual o culto em questão estendeu-se, consolidou-se e, por fim, cedeu espaço à dominação masculina.

De acordo com Barros (2001), o simbolismo da Deusa Mãe é advindo do Período Paleotítico (cerca de 100000 a 10000 a.C) e consiste em cultuar a terra como genitora da vida. Esse é o preceito básico dessa cultura, em que a natureza ocupa não apenas uma simples posição de destaque, mas é o centro da vida e da morte, constituindo o eterno ciclo de nascimento-morte-regeneração. Antes de nos determos na cultura existente a partir da religião da Deusa, é interessante entendermos de que maneira a cosmologia e a cosmogonia⁴ são interpretadas por esses povos (principalmente os celtas), comparando-as com as formas de pensamento da religião cristã. Desse modo, começaremos a delinear um panorama de como o universo era concebido por essas duas tradições em embate na obra de Bradley.

Segundo Quintino (2002), a cosmogonia referente à religião cristã está registrada no livro Gênesis, da Bíblia, e consiste na criação do mundo a partir de um Deus único e masculino. Quanto à forma de organização, ou seja, sua cosmologia, o universo estaria subdividido em terra, paraíso e inferno, os dois últimos colocados em posições antagônicas, gerando a dicotomia entre bem e mal. Já nas tradições ligadas à Deusa, considera-se também a

³ Podemos falar em religião da Deusa, segundo a terminologia adotada por Quintino (2002). Contudo, é necessário explicitar que não é nosso objetivo estabelecer diferenças entre os termos “culto” e “religião”. Portanto, ambos serão usados no decorrer no trabalho e entendidos como manifestação de uma crença, em seu sentido primordial.

⁴ A partir da terminologia de Quintino (2002), entendemos “cosmogonia” como o processo de criação do Universo, ou seja, a presença de um mito de criação em uma determinada religião e “cosmologia”, a maneira pela qual o Universo se organiza.

existência de três planos em sua cosmologia. Porém, eles estariam entrelaçados e, portanto, a distinção entre o inferior e o superior é inexistente. Esse aspecto da contraposição dos planos do cosmos se esclarece a partir das palavras do próprio pesquisador.

No caso dos mitos de origem judeu-cristã, esses planos inferiores são reservados ao sofrimento eterno daqueles que, por não seguirem *as regrinhas do jogo da vida* ou simplesmente por as ignorarem, são condenados ao inferno. (...) No caso da mitologia celta, porém, isso não tem o menor sentido. Até porque existe uma grande dificuldade quando se tenta definir as diferenças e as semelhanças entre o mundo infernal (inferior) e o supernal (superior). Ambos servem de morada aos deuses, ambos possuem associações com o pós-morte, ambos podem ser acessados pelos mortais sob condições especiais. (QUINTINO, 2002, p. 100-101)

Além disso, os mitos de criação do universo nas tradições ligadas à Deusa referem-se não a um Deus masculino, mas à própria terra e, analogamente, ao feminino, à Deusa. Nessa época, considerada pré-história da humanidade, o macho desconhecia seu poder de fecundar, logo, atribuía um caráter mágico à mulher, culminando em uma série de rituais e símbolos de fertilidade. Como detentora do segredo da vida, a morte se agrega também nesse ciclo, pois “[...] se a vida significava desligar-se do ventre da terra, a morte era apenas um regresso ao útero para que um novo nascimento pudesse acontecer.” (BARROS, 2001, p. 17). Sendo assim, mulher, vida e morte se transformaram em princípios enigmáticos para o homem e, a partir disso, o feminino conquistou o respeito e, também, o temor.

Acerca do medo que a figura da mulher também suscitava na época, é importante explicitar que a representação feminina ligada ao caráter maternal era apenas uma das faces de sua natureza. Embora a mitologia judaico-cristã tenha consolidado conceitos antitéticos como bem/mal, vida/morte, superior/inferior, a religião da Deusa considerava todos esses aspectos como intrínsecos à natureza e, portanto, não eram separados por pólos de oposição, mas se complementavam à medida que os ciclos se perpetuavam. Sendo assim, para Barros (2001), a Deusa-Mãe, representante da pureza, das luzes e do mundo celeste, era também a que encarnava a sedução, as trevas e o mundo subterrâneo, aspectos dos quais os homens se valeram, posteriormente, para denegrir a imagem do feminino, associando-o ao obscuro, ao demônio e à bruxaria. Portanto, quando falamos na Deusa Tríplice, ou nas três faces da Deusa no paganismo, temos por intuito explicitar a ideia de mãe, morte e sexualidade unidas em uma única divindade, a qual apresenta aspectos duais em cada uma dessas faces, conforme veremos a seguir.

Iniciemos com a “Mulher-mãe”, sem dissociá-la do aspecto da morte, através de um excerto:

[...] envolta em luz e trevas, esteve associada ao mundo uraniano, celeste, símbolo solar, de onde emergia seu caráter benevolente de mãe generosa proporcionando vida e prazer. Entretanto, ela também reinou no mundo ctônico, símbolo lunar, a partir do qual se sobressaía seu caráter demoníaco de mãe cruel, dispensadora da morte. (BARROS, 2001, p.24)

Há também outra dualidade no feminino, referente à vida e à morte, mas representada pela magia do sangue, isto é, “Sangue da vida, que englobava a menstruação, a defloração e o parto; sangue da morte, que se evidenciava com a menopausa, provocadora da morte.” (BARROS, 2001, p. 24).

O exposto acima corrobora a ideia de que os aspectos opostos das faces da Deusa enriquecem sua significação e colocam a divindade no mesmo patamar do humano, já que representa a própria essência dos mortais. Além disso, é interessante salientar o misticismo e o mistério que a lua causa na humanidade até hoje. Sabemos que a lua é um satélite que apresenta fases e influencia as marés, as chuvas, a menstruação e a gravidez das mulheres. Tal como a Deusa, vive em um constante ciclo de nascimento, crescimento, decréscimo e morte, para então renascer no céu. A associação com o obscuro e o desconhecido é direta e é por esse motivo que existe um mito que explica o funcionamento dos ciclos lunares, isto é, o mesmo que representa o eterno ciclo vida-morte-vida e, portanto, associado à Deusa.

A morte, tão temida na contemporaneidade, apresenta-se como um processo simbólico e nada mais era, para esses povos, que o nascimento de uma natureza espiritual. “[...] existe uma ideia de morte em relação ao passado e de nascimento em relação ao futuro, nas nossas vidas e no nosso pensamento: morte da natureza animal e nascimento da natureza espiritual.” (CAMPBELL, 2011, p. 189)

Em relação à face da sexualidade, muitas vezes atribui-se a representação do sexo, para os pagãos, como perversão, surgindo ideias de práticas de incesto e de orgias. Conforme dito anteriormente, os aspectos aparentemente dicotômicos da Deusa se fundem com o objetivo de criar uma unidade. Em outras palavras, a pureza e a perversão, representam, em última instância, a essência da Deusa e, por conseguinte, a do ser humano, de modo que as divindades criadas são espelhos de seus comportamentos. Como o papel do macho na fecundação era misterioso, bem como os processos de parto e de sangue menstrual, o homem também definiu um caráter mágico para a relação sexual. “O sexo, antes de existir fisicamente, existia como um princípio transcendente.” (BARROS, 2001, p. 27). Dito de outra maneira, como os seres humanos eram mortais e a soma das partes masculina e feminina produzia a mulher/homem absolutos, o ato sexual era o representante da imortalidade dos

seres através dos filhos gerados. Sendo assim, a união sexual foi transformada em um rito sacralizado. Um dos rituais mais comuns para demonstrar essa crença era o chamado *hieròs-gámos*⁵, ou casamento sagrado. A partir dele é que a Deusa assume os papéis de virgem e prostituta, afinal a virgindade não era associada com castidade e pureza do corpo, mas relacionada à questão religiosa da época, isto é, “[...] a virgindade era puramente moral, significando, apenas, que a mulher não dependia, não estava sob poder ou autoridade, de nenhum homem.” (BARROS, 2001, p. 30).

De acordo com a pesquisadora, os filhos gerados pela Grande Deusa passavam pelo ritual da morte e posterior ressurreição. Tendo-se em vista esse exemplo, podemos notar certos pontos de encontro entre a religião cristã e a religião pagã, ainda que a primeira tenha subvertido conceitos e polarizado as forças do bem e do mal.

Neste capítulo, até o presente momento, tentamos explicitar a forma de pensamento que regia as ações de povos ligados à religião da Deusa. Por meio desse breve panorama de nossa pré-história, alguns questionamentos se tornam pertinentes em relação ao que expusemos no início. Se a mulher contemporânea está despertando de sua condição de submissão, perante a atuante configuração patriarcal, os povos do Período Paleolítico não seriam o avesso dessa situação? Ou seja, uma sociedade comandada pelo poder da mulher? Caso se trate apenas de um jogo de poder entre os sexos, como o tão almejado equilíbrio era estabelecido na pré-história? Ou talvez ele nunca tenha existido?

Todas essas questões podem ser respondidas a partir do momento em que conseguimos compreender que os valores pregados pelo culto pagão à Grande Deusa encontravam sentido dentro de uma sociedade de ordem matrifocal ou matricial⁶. Apesar de a mulher estar no centro do sistema e ser associada a mistérios ocultos, o foco dessas sociedades encontrava-se na relação harmônica do ser humano com a natureza. O equilíbrio, para a religião da Deusa, estava na unidade entre masculino e feminino, na união primordial entre esses dois pólos. Por isso a importância de rituais como o *hieròs-gámos*, cujo intuito era justamente transcender o caráter humano das relações, transformando-as em divinas, isto é, sacralizando-as. A partir do exposto, torna-se notável a relação pacífica entre indivíduo-indivíduo e indivíduo-natureza na tradição da Deusa, uma vez que o equilíbrio é estabelecido

⁵ O *hieròs-gámos* era um ritual ligado ao ciclo vida-morte-vida. De acordo com Barros (2001), a Deusa concebia um filho que, por meio de uma morte simbólica, mergulhava durante três dias no espaço infernal, para então regenerar-se a partir da Mãe-Terra. A concepção era realizada a partir de um esposo gestado por ela mesma, ou seja, o princípio de uma relação incestuosa por natureza, mas que mostrava o grande poder dessa deidade.

⁶ Esses termos, em geral, podem ser confundidos com uma ordem patriarcal (em oposição ao patriarcal, isto é, o poder delegado à mãe). Segundo Koss (2000, p. 95), “a estrutura do poder matricial não era baseada no poder sobre, mas sim no viver com.”

sempre pela união das polaridades (masculino/feminino, bem/mal, positivo/negativo, luz/treva).

Sendo assim, a divindade é feminina por representar a própria terra, a mesma que dá à luz e a ela que também retornam os mortos. A ideia cíclica e de poder da Deusa é transcrita no trecho a seguir e confirma as proposições discutidas até o momento:

[...] a Força Criadora é única em seu conhecimento e sabedoria. Sendo perfeita em todos os níveis, ela está por todo o universo, em todas as criaturas. Afinal, ela É o próprio universo. E, uma vez que a Deusa está em tudo e em todos, nenhum outro ser pode, também, estar concomitantemente em tudo e em todos. Um ser teoricamente evoluído a ponto de também poder se equiparar à Deusa, (...) acaba por se fundir novamente à força que o originou – une-se novamente à própria Deusa, para poder retomar seu caminho evolutivo, em uma infinita espiral. (QUINTINO, 2002, p. 131)

Conforme observamos, a Deusa governou soberana durante séculos. As mudanças começaram a ocorrer no Período Neolítico, estendendo-se até a Idade dos Metais, quando as comunidades passaram pelo processo da sedentarização e, com isso, a domesticação de animais e o início dos métodos de agricultura se fez presente. Esses grupos perceberam como ocorria a procriação dos animais, fazendo com que o homem finalmente descobrisse sua função na concepção, destituindo a mulher de seu poder mágico, atribuindo-lhe uma função de apenas receptáculo da vida. Para Barros (2001), o adultério se tornou a obsessão do macho e isso o levou a controlar a sexualidade feminina. Desse modo, a ambivalência da mulher iniciou um processo de desmembramento. O lado sexual foi reprimido, privilegiando-se o materno. “A fusão virgem-prostituta deu lugar a duas imagens distintas: a mãe e a cortesã”. (BARROS, 2001, p. 57). A partir desse excerto, é nítida a dualidade a que foi submetida a mulher. Os princípios de união e equilíbrio com a natureza foram subvertidos e divididos em polaridades. Não era mais possível a junção do bem e do mal numa só entidade. Neste momento, para ser boa, a mulher deveria reprimir o lado sexual e assumir o lado mãe. A intuição passou a ser dominada pela razão, a natureza passou a ser dominada pela cultura:

A natureza primordial, entendida como a mãe-terra, refere-se a um poder que produz vida a partir de si mesmo, enquanto que a natureza, cultural e historicamente, apenas reproduz o que já existe. Quando a cultura foi definida como algo criado a partir da mente racional e dissociada de suas imagens orgânicas, a natureza primordial perdeu seu significado sagrado. Também o poder procriador da mulher, associado com a fertilidade da terra, passa a ser visto como mera reprodução, a serviço da cultura. (KOSS, 2000, p. 89-90)

Desse modo, por meio de um novo olhar para a natureza, a crença em um deus único e masculino começa a afastar, aos poucos, os cultos às divindades locais, substituindo o

paganismo existente por uma religião monoteísta. Em outras palavras, é nesse momento que ocorre o advento da religião Judaica. Através de personagens históricos como Abraão, Isaac e seus descendentes hebreus (e masculinos, convém lembrar), o judaísmo começa a tomar espaço, ainda que de modo gradativo, prescrevendo o afastamento da paixão e da sexualidade instintivas. O tempo não é mais regido pelos ciclos da natureza, mas apresentado de maneira linear e as mulheres, conforme já citamos, rebaixadas à vontade e ao poder do homem. Assim, depreendemos a centralização na figura do homem, ascendendo durante o domínio da religião do Pai (judaísmo) e consolidando-se com a religião do Filho (cristianismo). Em outras palavras, a nova ordem religiosa determina a renovação da configuração social e cultural: a sociedade patriarcal.

Para encerrarmos essa parte histórica, convém-nos lembrar que, apesar do foco religioso e social estar transposto na figura do homem, o culto e a adoração à mulher permaneceram enraizados na sociedade durante muito tempo, inclusive através da figura da Virgem Maria, de acordo com o que veremos posteriormente, na análise da obra *As Brumas de Avalon*. Para Barros (2001), isso foi possível graças ao fato de o cristianismo (primitivo) permitir à mulher a possibilidade de igualdade entre os homens, aceitando-a como pura ou pecadora, através de personagens como a própria Virgem Maria e Maria Madalena, respectivamente. Os principais pilares da religião do Cristo se encontram no amor e na compaixão e, para que isso fosse possível, a igualdade entre indivíduos era essencial. Para a pesquisadora, os valores cristãos foram distorcidos a partir da Idade Média, quando a Igreja Católica se torna a instituição mais poderosa da época e, com ela, surgem os tempos de perseguição aos hereges. Assim, podemos dizer que a grande perpetuadora da desigualdade de gênero foi a própria Igreja, uma vez que considerava a mulher como origem do mal, a sedutora Eva, a qual impulsionou Adão a comer do fruto proibido. Então, a culpa de todas as desgraças da humanidade recai sobre a mulher que, para redimir-se, deveria obedecer aos homens.

2.2 MUDANÇA DE PARADIGMA: O PODER DO PATRIARCADO

A partir do apanhado histórico realizado até agora, neste capítulo, pudemos ter uma dimensão de como o patriarcado desbancou a Grande Deusa e fixou suas poderosas raízes até os dias atuais. Porém, falta-nos a compreensão da significação desse novo sistema em termos político-sociais e os motivos de ele ter se tornado tão forte durante a evolução da humanidade.

Valendo-nos do conhecimento de Moraes (2002) e Bauer (2001), entendemos o patriarcado como sendo, em termos amplos, “não só manifestação, mas também institucionalização do domínio do homem sobre a mulher na vida social”. (MORAES, 2002, p. 21). Conforme já explicitamos, as formas de dominação da mulher, embora tenham se iniciado anteriormente, consolidaram-se na Idade Medieval. Sendo assim, vale lembrar que se trata de uma época em que o feudalismo era o sistema vigente e os chefes de cada feudo realizavam suas negociações por meio, inclusive, das mulheres. Os casamentos eram arranjados, baseavam-se nos acordos econômicos entre chefes. A mulher não possuía opinião, deveria adequar-se e submeter-se às ordens do pai e, posteriormente, às do marido. A repressão sexual pela Igreja era igualmente severa: as relações deveriam servir apenas para procriação, devendo-se considerar os períodos de “jejum”. No entanto, as camadas mais baixas da população ainda possuíam algumas crenças arraigadas, oriundas de religiões pagãs, logo, as noções de heresias condenadas pela Igreja não estavam claras para o povo. “Muitas heresias confundiram-se no seio das populações com a concepção rudimentar que se tinha do cristianismo; mesclavam-se com a religiosidade popular.” (BAUER, 2001, p.18). A partir do exposto, podemos concluir a transformação da mulher em objeto, ora sendo vendida como noiva, ora como escrava, dependendo das necessidades econômicas da cada família, cujo domínio centrava-se nas mãos do homem.

Por meio da institucionalização do patriarcado, surge, ao longo da História, o preconceito contra a mulher, também chamado de sexismo, sendo definido, por Moraes (2002), como “uma teia complexa de práticas, instituições e ideias que, juntas, dão mais poder aos homens e anulam as mulheres.” (p. 77). Segundo essa mesma autora, podemos considerar três tipos de sexismo, inclusive no que diz respeito à sociedade atual: o individual, o qual encontra suas remanescências no seio da própria família, com maridos violentos, por exemplo; o cultural, decorrente dos estereótipos criados em relação a cada sexo; e, por fim, o institucional, interligado às divergências econômicas e sociais.

Embora o sexismo ainda encontre meios de desenvolvimento na atualidade, não podemos nos esquecer de mencionar a eclosão do movimento feminista na década de 60, principalmente no que diz respeito aos EUA, foco de nosso trabalho, visto que Marion Zimmer Bradley era norte-americana e participou ativamente de manifestações feministas e, portanto, interessa-nos explicar sobre esse aspecto. O movimento em questão contribuiu para um despertar das mulheres para sua condição, ou, segundo as palavras de Bauer (2001), “deu visibilidade nunca antes alcançada ao mal-estar das mulheres dos países capitalistas avançados, lutando nas ruas para suprimir a insustentável situação discriminatória nos campos

econômico, jurídico e sexual.” (BAUER, 2001, p. 98). De acordo com a revisão de literatura realizada para esta pesquisa, especificamente conforme a estudiosa Redmond (2010), a obra *As Brumas de Avalon* está imersa em uma época na qual a sociedade realmente começa a repensar o papel da mulher, em virtude de diversos fatores, como a conquista do direito ao voto, além da própria luta de igualdade aos homens. Sendo assim, a obra de Bradley mostra-se como uma inovação das narrativas arturianas, visto que o enredo é recontado pela voz de uma mulher, fortalecendo o ideal de centralização da figura feminina, difundido pelo movimento feminista das décadas de 60 e 70.

Cabe-nos esclarecer, ainda, o motivo de termos focalizado o Período Medieval e, no que diz respeito à contemporaneidade, as décadas de 60 e 70, atrelando essas informações à pré-história da humanidade. Primeiramente, é necessário salientar que a narrativa de *As Brumas de Avalon* se reporta aos mitos da Era Arturiana. Para Barros (2001), os feitos do Rei Arthur começaram a se popularizar na Bretanha, por volta do século V, em virtude de livrar a ilha do domínio bárbaro e reunificar um território despedaçado. As discussões em termos religiosos dessa época encontram suas bases justamente no embate entre o cristianismo e uma crença baseada nas tradições da Deusa, a qual a pesquisadora reconhece como druidismo. Ela constata que:

[...] ao lado de um imenso sentimento nacionalista, responsável por uma volta às origens e um apego às antigas tradições pagãs, o cristianismo conseguiu sobreviver e se impor como religião e, até mesmo criar uma forma própria de espiritualidade, que ficou conhecida e discriminada como *crístandade celta*. (BARROS, 2001, p. 131)

Desse modo, percebemos nessa época, não a aceitação plena dos dogmas cristãos, mas uma incorporação do cristianismo às crenças pagãs ancestrais, até por que alguns preceitos se assemelhavam muito nas duas religiões: “O dogma da trindade também não causava problema à mentalidade celta. [...] O número três, carregado de simbolismo, era um número sagrado e isso fica atestado nas tríades mitológicas, nas histórias e mesmo na divisão triádica dos deuses.” (BARROS, 2001, p. 139). Sendo assim, uma divindade, dividida em três era perfeitamente aceitável para aquele povo, pois essa divisão já era parte de sua crença.

A mesma autora nos esclarece que, apesar dos feitos do Rei Arthur se tornarem significativos por volta do século V, os mitos recontados acerca de personagens como Morgana, Gwenhwyfar, Lancelote e o próprio Artur, iniciaram-se por volta do século XII, juntamente com as cantigas trovadorescas sobre o amor cortês. É notório que no auge da Idade Média, os mitos em relação à mulher e à sua natureza fossem colocados à prova, uma

vez que, de um lado, encontra-se Maria, Mãe do Salvador, a virgem pura e merecedora de respeito, enquanto que do outro, tinha-se a imagem de Eva, associada à imagem do demônio, a mulher responsável pelas desgraças terrenas. Através de Gwenhwyfar, a dualidade se fez presente, apresentando-a como a fervorosa seguidora dos preceitos cristãos, ao mesmo tempo em que possuía um relacionamento lascivo com o melhor amigo e mais fiel escudeiro do marido. Como era de se esperar, “o amor cortês foi condenado como heresia e foi proibido aos trovadores cantar em nome das amadas. A permissão a eles outorgada se restringia aos louvores à Virgem ou às jovens puras.” (BARROS, 2001, p. 324).

Por meio do que expusemos, torna-se evidente a relação entre os mitos arturianos e a Idade Média, bem como a tensão entre masculino e feminino e, sendo isso exposto na ficção de Marion Zimmer Bradley, a narrativa promove reflexões ao tempo presente, sem, contudo, deixar de se reportar à lenda em questão, corroborando a ligação entre a autora e as lutas do movimento feminista na época.

Após essa explanação acerca da natureza do feminino, bem como o percurso histórico que culminou no advento do patriarcado, podemos perceber uma tentativa de resgate da identidade feminina. O feminino, não colocado apenas em relação ao gênero, mas a um conjunto de práticas e valores ligados ao conceito de feminino. Conforme afirmamos no início, possuímos uma falsa sensação de plena igualdade com os homens, porém, trata-se de um processo. O despertar da condição feminina é relativamente recente em termos históricos. Depois de séculos, a mulher entorpecida percebeu o tipo de opressão a que era submetida e, atualmente, passou a lutar em busca dos seus ideais, do reencontro com a intuição e, naturalmente, do reencontro com a própria Deusa. E isso já é uma vitória. Nunca antes, em nossa sociedade patriarcal, ouvimos preocupações tão verdadeiras com a destruição da natureza quanto na atualidade. A própria natureza apresenta-nos sua face da destruição quando levada ao limite. Mas de que maneira podemos ser responsáveis por esse resgate tão necessário do feminino se a ciência e o racionalismo se encontram cada vez mais valorizados como verdades absolutas e apresentados à humanidade como a esperança do futuro?

Os cétricos, os racionais, reiteram seu descrédito com excesso de cientificismo e fazem com que tal discussão pareça inútil, imbuída de um misticismo barato. Mas a própria terra e os fenômenos naturais que a atingem, e afligem, nos dizem o contrário, a própria insegurança que se apoderou do ser humano nos dias de hoje, a fragmentação da identidade em nossa era nos diz o contrário. Por isso, não podemos deixar de reconhecer com urgência a necessidade de rever e discutir os tipos de poderes políticos e sociais a que somos submetidos, os tipos de sociedades em que temos que nos inserir, ao flagelo da condição humana que alguns povos ainda têm que suportar para sobreviverem à tamanha devastação, provocada não só pela falta de consciência mas de um conhecimento profundo de como a vida se dá, se doa a cada um de nós

através do meio físico e espiritual. Falar do 'feminino' é falar da nossa História passada, de nosso presente, de nosso futuro e daquilo que deixaremos para aqueles que nos precederem. (CABREIRA, 2006, p. 37-38)

Logo, o resgate do feminino é um processo complexo, mas consiste em uma revisitação da ligação com a natureza e tudo o que dela provém, sejam os seus frutos, seja o conhecimento profundo, seja a intuição tão esquecida em nossas selvas de pedra automatizadas, que são os modernos centros urbanos. Além disso,

[...] estamos todos interligados numa teia de relações; causa e efeito; ato e consequência estão sincronizados e envolvidos no movimento contínuo da roda da vida, da interligação das estações do ano, das mudanças das fases da lua, das consequências de um encontro 'ao acaso', da energia cósmica que envolve tudo e a todos em seu modo espiralado. Daí a amplitude e importância da consciência individual dentro do coletivo, dentro das várias esferas de relacionamentos que iniciamos, mantemos, destruimos e reconstruímos o tempo todo, a cada momento de nossa trajetória de vida. (CABREIRA, 2006, p. 45)

Sendo assim, nosso trabalho de estudar uma obra que se reporta ao Período Medieval representa, para a sociedade ocidental contemporânea, justamente a tentativa de resgate de valores ligados ao feminino, perdidos com o advento do patriarcado. Essa é a nossa contribuição para continuarmos o processo de reencontro com a Deusa, pois não podemos deixar a sociedade adormecer novamente em relação a essa questão.

3 ATRAVESSANDO AS BRUMAS DE AVALON

Calou-se, mas para Igraine o quarto ressoava com o eco de sua voz. Viviane inclinou-se e tomou nos braços a pequena Morgana adormecida, segurando-a com grande ternura.
- Ela ainda não é uma moça e eu ainda não sou maga – disse –, mas nós somos as três, Igraine. Juntas formamos a Deusa, e ela está presente aqui entre nós.⁷

(Marion Zimmer Bradley, 2008a⁸)

Neste capítulo, temos o objetivo de analisar a personagem principal de *As Brumas de Avalon*, Morgana das Fadas, como forma de verificar o embate estabelecido entre o cristianismo e o paganismo nesta versão da lenda arturiana, além de examinar a construção da identidade feminina da personagem, através do seu conflito com o domínio do patriarcado. Por fim, cabe-nos tecer alguns comentários acerca da continuidade da tradição de veneração à Deusa-Mãe, a qual se adaptou ao novo contexto sócio-político-religioso.

Primeiramente, faz-se necessário traçar um panorama da obra de Bradley, com um breve resumo da história, além de retomarmos a discussão sobre a popularização dos mitos arturianos na Idade Média, iniciada no capítulo anterior. Sendo assim, o romance divide-se em quatro tomos⁹ e trata-se de uma versão da lenda do Rei Artur, contada sob o prisma feminino. Desse modo, a obra é protagonizada por personagens como Gwenhwyfar, Viviane, Igraine, Morgause e, principalmente, Morgana, responsável por atribuir voz à narrativa. A história narra os rumos da Bretanha, por volta do século V, desde a infância de Morgana até sua idade avançada. Portanto, o amplo espaço de tempo em que os acontecimentos são percorridos, no romance, permite-nos explorar fatos históricos e preencher lacunas sobre o paganismo e a influência das mulheres na formação do país na época medieval, aspecto sempre silenciado na história da humanidade.

Conforme exploramos no capítulo anterior, Avalon representa o resquício da sociedade matrifocal pré-histórica, organizando-se de modo a cultivar o aspecto feminino como detentor da vida através da ligação com a terra e com a natureza em geral. Como o grande princípio dessa sociedade estava pautado no equilíbrio, não havia distinção hierárquica

⁷ Respeitamos a tradução brasileira da obra, conforme indica a referência. As citações originais serão sempre mostradas em notas de rodapé: “She was silent, but for Igraine the room was filled with the echo of her voice. Viviane bent over and picked up sleeping Morgaine in her arms, holding her with great tenderness. ‘She is not yet a maiden, and I not yet a wise-woman’, she said, ‘but we are the Three, Igraine. Together we make up the Goddess, and she is here present among us.’” (BRADLEY, 2000, p. 23)

⁸ Devido à versão brasileira ser dividida em quatro volumes distintos, usamos, para referenciá-los, os códigos a,b,c,d posteriormente ao ano de publicação.

⁹ A Senhora da Magia; A Grande Rainha, O Gamo-Rei; O prisioneiro da árvore, na tradução brasileira.

entre homens e mulheres. Os maiores representantes dessa sociedade, no romance, são a Senhora do Lago e o Merlim da Bretanha, os quais atuam como benfeitores e conselheiros dos ocupantes do trono da Bretanha. No início da história, Viviane e Taliesin, respectivamente, ocupam esses cargos e são eles que exercem influência na sucessão real. Eles, também, possuem uma visão neutra em relação à religião, uma vez que a maturidade lhes permitiu perceber a unidade das crenças religiosas. Contudo, esse é um ponto que exploraremos adiante, como forma de estabelecer um paralelo com as percepções da protagonista ao longo da obra. Resumidamente, no início da história, o Rei Ambrósio morre, sem deixar herdeiros e é Uther Pendragon, seu companheiro preferido, quem assume o poder. Ele conquista a então mulher de Gorlois, Igraine, e Artur torna-se o fruto dessa união. Morgana, filha do primeiro casamento de Igraine, é criada em Avalon e passa longos anos sem ver o meio-irmão, por quem apresenta muito afeto. O reencontro ocorre através do ritual pagão do Grande Casamento, no qual, sem reconhecer um ao outro, concretizam uma relação incestuosa, gerando Mordred. Morgana, por se sentir usada erroneamente por sua tia Viviane para cumprir os desígnios da Deusa, foge de Avalon e passa a viver no mundo exterior, seja na corte de sua tia Morgause (a qual se torna mãe adotiva do menino), ou na própria corte de Artur, promovendo os principais atritos entre duas fés conflitantes: o cristianismo, por meio da figura da mulher de Artur, Gwenhwyfar; e o paganismo, representado por Morgana. A retomada de seu lugar como sacerdotisa foi um processo lento, no qual Morgana questionava, muitas vezes, a própria fé. Contudo, a partir do assassinato de Viviane é que Morgana retoma sua antiga posição, para, mais tarde, se tornar a nova Senhora do Lago. Artur é o rei que recebe a espada Excalibur, sob o juramento de proteger todos os povos, sem lhes fazer distinção de religião, tampouco de proibir-lhes a expressão de seus cultos. Entretanto, a influência e o fanatismo cristãos de Gwenhwyfar fazem com que o Rei desonre seu juramento perante Avalon. Desse modo, Morgana transforma-se em inimiga, mas as tentativas de derrubá-lo do trono são inválidas. Sendo assim, ela compreende que o destino de Avalon está fadado ao esquecimento, assim como o próprio reinado de Artur, visto que, no final, a busca pelo Graal separa os companheiros do rei e ele encerra sua trajetória de modo solitário, após uma árdua luta contra o filho que tentava lhe tomar o poder.

Há outros fatos que delineiam a obra, como o amor proibido de Gwenhwyfar e Lancelote, a traição do Merlim da Bretanha à religião da Deusa e mesmo a influência obscura de Morgause¹⁰ em relação aos acontecimentos da Bretanha, ou seja, na suposta esterilidade de

¹⁰ A personagem, desde o início da trama, se mostra ávida por poder e por desejar ocupar o lugar de rainha e mulher mais poderosa do reino.

Gwenhwyfar, ou mesmo na manipulação dos desejos e dos pensamentos de Mordred. Entretanto, trata-se de fatos interessantes à medida que nos fornecem ferramentas para examinar a trajetória de Morgana e, assim, conduzirmos a análise.

3.1 CRISTIANISMO *VERSUS* PAGANISMO: O PAPEL DO FEMININO

Quando nos debruçamos sobre a obra *As Brumas de Avalon*, surgem, primordialmente, duas personagens representativas do embate entre o paganismo e o cristianismo, ou seja, Morgana e Gwenhwyfar, respectivamente. Porém, antes de nos determos no conflito existente entre elas, é necessário elucidarmos a conjuntura na qual esse embate se insere, retomando aspectos explanados no capítulo dois.

Como já se sabe, o romance remete ao Período Medieval da história, isto é, uma época na qual a Igreja manipulava o povo, por meio de sermões acerca do pecado e dos atos que, supostamente, indicariam ações demoníacas. Dito de outra maneira, “o artifício da Igreja para que a administração das culpas e dos pecados se mantivesse em níveis toleráveis eram as confissões e as penitências. Para os fiéis, funcionavam como catarse; para a Igreja, era a maneira de controlar e disciplinar os fiéis.” (BARROS, 2001, p. 346). Então, quando explicitamos o atrito existente entre essas duas principais crenças que imperavam no período, estamos nos referindo ao cristianismo, na vertente da Igreja Católica, já que o cristianismo primordial, em si, pregava a igualdade e a compaixão. De fato, a Igreja foi uma das grandes responsáveis por desbancar os cultos às divindades pagãs, com o argumento da salvação da alma e da remissão dos pecados. A mulher encontrou sua natureza bipartida, sendo classificada como Eva (a origem de todo o mal, responsável pelo pecado original e, portanto, associada ao demônio), ou, no extremo oposto, como Maria (a virgem, mãe do Salvador). Por algum tempo, a Igreja acreditou-se triunfante na tarefa de manter a consciência do povo em suas mãos. Desse modo,

[...] a religião da Mãe, acreditavam os clérigos, já havia sido vencida e a mulher, antes divinizada, já havia recebido rótulos suficientes para que os cristãos se prevenissem contra suas artimanhas. Mas, de repente, a Igreja se deu conta de que a confiança no poder de Cristo estava minada pela persistência das antigas tradições pagãs, pela persistência das heresias e, principalmente, pelos vestígios da reinstauração do encantamento produzido pelo feminino. (BARROS, 2001, p. 340)

Sendo assim, percebemos que, em termos religiosos, a Idade Média representa uma época de transição, ou seja, alguns elementos ou símbolos das deidades pagãs foram

incorporados à fé católica, a fim de representar uma continuidade e não uma total ruptura em relação às crenças do povo. A obra *As Brumas de Avalon* reporta-se, justamente, a essa fase, pois o feminino ainda encanta e, ao mesmo tempo, assusta, sendo necessário, reprimir seus comportamentos e ações, fortalecendo as raízes do patriarcado. No romance, essa mistura de crenças pode ser representada pela fala da personagem Morgause, no início da trama: “Para dizer a verdade, a maioria do seu povo não se importa se o deus desta terra é o Cristo Branco, ou a Deusa, ou o Galhudo, ou o Deus-cavalo dos saxões, desde que suas colheitas sejam boas e suas barrigas estejam cheias.¹¹” (BRADLEY, 2008a, p. 228).

Contudo, o discurso da Igreja estava se fortalecendo nas cortes da Bretanha, especialmente com sacerdotes dispostos a tudo para acabar com os rituais antigos e com os lugares considerados sagrados para o povo. Exemplo disso é a aparição da figura de São Patrício na obra, responsável por expulsar os cultos pagãos da Irlanda e instituir a fé cristã, conforme podemos observar no seguinte trecho: “Sim, por vontade de Deus [...] expulsei todos os mágicos malignos da Irlanda e venho para expulsá-los de todas as terras cristãs.¹²” (BRADLEY, 2008b, p. 33).

Em relação à disputa entre religiões, representada pelo conflito entre Morgana e Gwenhwyfar, percebemos o papel da mulher em cada uma dessas sociedades por meio das ações e dos pensamentos das personagens em questão. É conveniente lembrar, também, que as visões referentes às respectivas religiões não são estanques, mas se alteraram conforme seus percursos dentro da narrativa, havendo momentos de maior confusão e outros, de maior fanatismo em relação às crenças de cada uma. Entretanto, para esta seção, buscamos salientar as visões gerais que permeiam o pensamento de ambas. Adiante, exploraremos mais profundamente a personagem Morgana, foco da nossa discussão.

A sociedade cristã retratada na obra, através de Gwenhwyfar, possui valores advindos da consolidação do domínio patriarcal sobre a terra. Isso se dá, pois “as ideias e os conceitos relacionados à polaridade sexual básica [...] têm servido para fundamentar a fixação de papéis rigidamente definidos, do lugar social de mulheres e homens, valorizando as qualidades masculinas em detrimento dos valores femininos.” (KOSS, 2000, p. 154). Assim sendo, a instituição de uma hierarquia entre o homem e a mulher ocorreu concomitantemente à hierarquia estabelecida entre cultura e natureza, associando-se diretamente a fé cristã sendo

¹¹ “To tell the truth, most of them care not whether the god if this land is the White Christ, or the Goddess, or the Horned one, or the Horse God of the Saxons, so long as their crops grow and their bellies are full.” (BRADLEY, 2000, p. 212)

¹² “Aye, by God’s will, [...] having lately driven out all the evil magicians from Ireland, I come to drive them forth from all Christian lands.” (BRADLEY, 2000, p. 260)

superior à pagã. O papel reservado à mulher em uma sociedade como essa está relacionado à cega obediência à vontade do homem, sendo pai ou marido. Assim ocorrera com Gwenthwyfar, no princípio, oferecida a Artur como esposa por causa da necessidade de o Grande-Rei possuir uma frota de cavalos para batalhar contra os saxões. Ela, porém, não tinha o direito de reclamar ao ser tratada como mercadoria, pois deveria apenas obedecer aos desígnios masculinos.

Gwenthwyfar pensou que sufocaria de raiva. Mas não, não devia ficar irada, não era correto; a madre superiora lhe dissera no convento que a tarefa da mulher era casar-se e ter filhos. [...] Tinha de obedecer ao pai como se fosse a vontade de Deus. As mulheres precisavam ter um cuidado muito especial em fazer a vontade de Deus, porque foi por meio da mulher que a humanidade caiu no Pecado Original, e todas deviam saber que tinham que trabalhar para redimir este pecado no Éden.¹³ (BRADLEY, 2008b, p. 42)

Por meio do excerto acima, torna-se inquestionável o papel das mulheres na sociedade patriarcal. Além disso, há outros exemplos de como uma mulher deveria se comportar, afastando-se das artes, como a música, ou, ainda, privando-se da instrução da leitura e da escrita, já que havia a crença de que a mulher sábia era considerada perigosa ao domínio masculino. As noções de virtude e pecado eram também levadas ao fanatismo por parte de Gwenthwyfar, sendo que os atributos femininos eram sempre vistos como pólos de oposição entre a bondade e a maldade, o virtuoso e o pecaminoso. O deus representado na cultura cristã, no contexto da obra, é um deus essencialmente dominador e vingativo, o qual aplica castigos a quem desobedece aos dogmas pregados. Logo, o mundo bretão do lendário Rei Artur foi construído através da crença daqueles que lá viveram. O mundo era como os homens (e a masculinidade em si) acreditavam que era. Morgana percebeu essa situação no fim do romance, afirmando que:

[...] ano após ano, a mente dos homens endurecera-se, passando a crer que havia *um* deus, *um* mundo, *um* modo de descrever a realidade, que todas as coisas que se intrometessem no reino dessa grande unidade tinham que ser más e demoníacas, e que o som de seus sinos e a sombra de seus lugares manteriam o mal afastado.¹⁴ (BRADLEY, 2000d, p.108)

¹³ “Gwenthwyfar thought she would smother with the rage that was choking her. But no, she must not be angry, it was not seemly to be angry; the Mother Superior had told her in the convent that it was a woman’s proper business to be married and bear children. [...] she must obey her father’s will as if it were the will of God. Women had to be especially careful to do the will of God because it was through a woman that mankind had fallen into Original Sin, and every woman must be aware that it was her work to atone for that Original Sin in Eden.” (BRADLEY, 2000, p. 268)

¹⁴ “[...] year by year the minds of men had been hardened to believing that there was *one* God, *one* world, *one* way of describing reality, and that all things which intruded on the realm of that great one-mess must be evil and of the fiends and that the sound of the bells and the shadow of their holy places would keep the evil afar.” (BRADLEY, 2000, p. 749)

Já em relação ao papel da mulher na sociedade pagã, representada através dos pensamentos de Morgana, percebemos o espírito de comunhão com a natureza e os proventos que os seres humanos retiram dela, expressos pela gratidão, compaixão, respeito ao próximo e ao meio. O paganismo, em *As Brumas de Avalon*, é regido pelos preceitos da Deusa-Mãe, ou seja, uma comunidade que conservara resquícios de uma sociedade matrifocal, de acordo com o que já explicamos no segundo capítulo deste trabalho. Desse modo, a vida da mulher era regida apenas por ela mesma, de acordo com sua própria vontade, respeitando os ciclos da natureza. Diferentemente do cristianismo, o tempo não era contado de forma linear e organizada, mas tudo fazia parte de um eterno ciclo de vida-morte-regeneração, trazendo a ideia de que os seres humanos não vivem apenas uma vez, mas, analogamente à natureza, aperfeiçoam-se em cada renascimento, como expressa o seguinte trecho do livro: “Não sei se há uma finalidade nessa destruição, ou se a terra ainda não se consolidou em sua forma final, assim como nós, homens e mulheres, ainda não somos perfeitos. Talvez a terra também lute para evoluir a sua alma e aperfeiçoar-se.¹⁵” (BRADLEY, 2008a, p. 70).

As noções de virtude e pecado também eram completamente diferentes dos dogmas cristãos. A mulher não precisava ser apenas boa ou má; ela atuava conforme os desígnios da natureza, dependendo de seus propósitos. Como senhora do seu corpo e de sua mente, a mulher desempenha papéis associados à natureza tríplice da Deusa, fazendo com que a essência da divindade esteja contida em seu próprio ser. Morgana, já velha, compreende essa relação com a Deusa, visto que Ela se encontraria em todos os lugares em que Morgana a buscasse, desde que, estivesse plena de si mesma. “Eu chamei pela Deusa e a encontrei em mim mesma.¹⁶” (BRADLEY, 2008d, p.163)

Outro aspecto importante a se ressaltar é a ligação com o lado materno, retratado no romance, no sentido de transmissão de poder. Segundo Koss (2000, p. 91), ao trazer um deus masculino para a cultura, com o passar do tempo,

[...] as relações de parentesco passaram da matrilinearidade para a patrilinearidade. Este fato está intimamente relacionado com o surgimento da propriedade privada, quando a terra deixou de ser o lugar comum das mulheres passando a pertencer a um homem específico, junto com tudo o que se encontrava nela. Como consequência, as sociedades centradas na divindade feminina foram dominadas e destruídas.

¹⁵ “I do not know if there is purpose in this destruction, or whether the land is not yet settled into its final form, even as we, men and women are not yet perfected. Perhaps the land too struggles to evolve its soul and perfect itself.” (BRADLEY, 2000, p. 56)

¹⁶ “I have called on the Goddess and found her within myself.” (BRADLEY, 2000, p.803)

Essa relação é perceptível em *As Brumas de Avalon*, uma vez que aqui se comenta a antiga tradição de se transmitir o poder real por meio do lado feminino, conforme a tradição ligada à Deusa, fato que faria com que Mordred estivesse mais perto do trono da Bretanha, por acharem que ele seria filho apenas da irmã do rei, respeitando o ciclo matrilinear de transmissão de poder. Contudo, de acordo com a tradição patriarcal então consolidada, o filho adotivo de Artur, Galahad, seria o sucessor aceito, pelo menos em terras cristãs, nas quais se valoriza a transmissão de poder de pai para filho.

Antes de partir para a próxima seção e aprofundarmo-nos na trajetória dessa personagem tão complexa que é Morgana, é interessante notarmos como a Igreja subvertia os costumes pagãos, transformando-os em atos pecaminosos e orgiásticos. Gwenthwyfar, na história, não é nada mais do que o eco dos sacerdotes que condenavam o prazer. Estes faziam do Deus Cristão uma divindade que apenas punia os seres humanos por suas faltas, mesmo que tivesse enviado Seu Filho, para expiar os pecados de todos. Apesar de tudo, a personagem aceita a relação extraconjugal, além de se unir a ambos durante as festividades de Beltane, como último recurso para engravidar e trazer ao mundo um herdeiro da Bretanha ao marido. Esse fato representa o ponto máximo de sua hipocrisia enquanto cristã fervorosa e temente a Deus, uma vez que recorreu à simbologia decorrente do culto pagão para realizar seus propósitos, mesmo que se sentisse culpada posteriormente.

Alguns símbolos também adquiriram novos significados, como a maçã. De acordo com Koss (2000, p. 143), “entre os celtas, a Senhora do Lago é a representante da Grande Deusa, que rege a Ilha das Maças (Avalon). Como fruta paradisíaca, todo aquele que dela comesse morreria para o ‘mundo real’ e se tornaria viajante do ‘mundo das fadas’.” Já com a consolidação do monoteísmo centrado na figura do patriarca, a maçã contraiu o sentido de fruto proibido, ocasionando a expulsão de Adão e Eva do paraíso.

A partir de tudo o que foi exposto, pudemos observar o atrito causado por esse embate entre religiões diferentes e, mais ainda, entre culturas diferentes. Esse impasse só consegue ser resolvido, na obra, a partir do momento em que há a conscientização da protagonista de que todas as religiões são uma só, conforme afirmavam Taliesin e Kevin, ambos Merlins da Bretanha. Esse aspecto, porém, será explorado nas próximas seções, juntamente com as consequências desse conflito religioso na trajetória de Morgana.

3.2 MORGANA: CONFRONTO E ADAPTAÇÃO AO MUNDO CRISTÃO

3.2.1 Tomo Um: A Senhora da Magia¹⁷

Nesta seção, analisaremos diretamente a relação de Morgana com o mundo cristão em ascensão, percorrendo sua trajetória de conflitos com o mundo exterior e consigo mesma, a fim de compreender a visão da personagem sobre os acontecimentos durante o reinado de Artur. Primeiramente, é interessante explicitar que todos os fatos narrados no romance possuem a voz da protagonista, mesmo quando não estava presente. Isso já nos é esclarecido no prólogo do primeiro tomo: “Mas eu sempre tive o dom da Visão, de ver o interior da mente dos homens e mulheres; e, durante todo este tempo, estive perto de todos. Assim, por vezes, tudo o que pensavam era do meu conhecimento [...]. Por isso, contarei esta história.¹⁸” (BRADLEY, 2008a, p.10).

Seguindo cronologicamente os fatos narrados na obra, em grande parte do tomo um, mais especificamente até o capítulo dez, Morgana é uma criança, vivendo, primeiramente, na corte do pai, Gorlois e, depois, na de Uther Pendragon (segundo marido da sua mãe, Igraine). Sendo assim, é uma menina que estava sendo educada na fé católica, até o momento em que Viviane a leva para se tornar sacerdotisa em Avalon, por volta dos 7 anos de idade, e esse é um período de transição da primeira infância para puberdade, simbolicamente significando um novo início/aprendizado na vida de Morgana. Para analisarmos seu comportamento nessa fase, tomemos o seguinte trecho como exemplo, no momento em que Viviane lhe pergunta se possui o dom da Visão:

Constantemente – respondi [...] - Mas o Padre Columba diz que isso é obra do Diabo. E mamãe afirma que eu devia ficar calada, e não falar disso com ninguém, nem mesmo com ela, porque tais coisas não são adequadas para uma corte cristã e que, se Uther souber, me mandará para um convento. Não quero ir para um convento, vestir roupas pretas e nunca mais sorrir.¹⁹ (BRADLEY, 2008a, p. 126)

A Morgana infantil, retratada nesse excerto, reproduz os valores que vêm aprendendo com os sermões do padre. Embora se mostre avessa aos ensinamentos cristãos sobre a forma

¹⁷ Mistress of Magic.

¹⁸ “But I have always held the gift of the Sight, and of looking within the minds of men and women; and in all this time, I have been close to all of them. And so, at times, all that they thought was known to me [...]. And so I will tell this tale.” (BRADLEY, 2000, p. x)

¹⁹ “All the time”, I said [...] “Only Father Columba says it is the work of the Devil. And Mother says that I should be silent about it, and never speak of it to anyone, even to her, because these things are not suitable for a Christian court and if Uther knew of them he would send me into a nunnery. I do not think I want to go into a nunnery and wear black cothes and never laugh again.” (BRADLEY, 2000, p. 112)

como deveria se comportar, ela ainda não podia se basear no próprio julgamento, do mesmo modo que qualquer criança. O fato de Morgana ter passado boa parte da infância sob a influência da Igreja, pode ter sido uma das causas do parcial abandono e dos questionamentos à religião da Mãe, tendo em vista as concepções interiorizadas na época, conforme explicitaremos mais adiante.

Na sequência, a protagonista, que é levada para Avalon ainda na infância, sob a custódia de Viviane, transforma-se em sacerdotisa, acreditando plenamente nos dogmas da Deusa e colocando seu destino nas mãos Dela e da própria Viviane, a representante da divindade no mundo²⁰. Há uma breve descrição dos anos de preparação para o cargo, mas, de maneira geral, o aprendizado, austero e rigoroso, consistia em: observar os ciclos da natureza e agir de acordo com eles, além de respeitar e cultuar a terra como doadora da vida e, portanto, fonte de energia. Analogamente à terra, a mulher também apresenta esse caráter associado à fecundidade e à maternidade, tornando-a um espelho dos ciclos naturais. Morgana constrói sua personalidade e seu olhar sobre o mundo de acordo com os preceitos da religião da Grande-Mãe. Assim, mantém a pureza reservada para os desígnios que lhe caberão no futuro, principalmente, o ritual do Grande Casamento, mesmo que isso lhe custe resistir ao amor de Lancelote, por quem se sente atraída. Resignada em relação ao destino, ela se prepara para o ritual, cujo funcionamento não era completamente conhecido por ela, tampouco, o jovem que se tornaria seu parceiro naquele dia, o qual veio a ser o próprio irmão, Artur. Todo o ritual pagão é minuciosamente descrito no livro e, por fim, ele se concretiza conforme o trecho a seguir:

Agora é o momento em que a Deusa recebe o galhudo – ele se ajoelhou junto do leito de peles de gamo, balançando-se, piscando à luz da tocha. Ela estendeu-lhe os braços, agarrou suas mãos, puxou-o, sentindo o calor macio e o peso de seu corpo. Teve de guiá-lo. *Eu sou a Grande Mãe que conhece todas as coisas, que é donzela e mãe sábia, guiando a virgem e seu consorte.*²¹ (BRADLEY, 2008a, p. 193)

Mais uma vez, percebemos a Deusa em todas as suas faces. Tal ato, representado simbolicamente como o casamento de um rei mortal com a divindade da terra, a fim de estabelecer uma aliança com os deuses de proteção ao povo, faz de Artur o rei das

²⁰ É necessário salientar que, ao mesmo tempo em que Morgana é levada para Avalon, Artur é também retirado da custódia dos pais para ser educado pelo Merlim, seguindo os preceitos druidísticos, assim como Lancelote e todos os meninos criados na fé pagã. Esse fato culmina no casamento místico e na suposta lealdade ao “dragão”, simbolizado pela tatuagem em seu braço.

²¹ “Now it is the time for the Goddess to welcome the Horned One – he was kneeling at the edge of the deerskin couch, swaying blinking by the light of the torch. She reached up to him, gripped his hands, drew him down to her, feeling the soft warmth and weight of his body. She had to guide him. *I am the Great Mother who knows all things, who is maiden and mother and all-wise, guiding the virgin and her consort.*” (BRADLEY, 2000, p. 178)

comunidades que seguem a tradição pagã. Entretanto, o conflito se instaura no momento em que Artur e Morgana descobrem suas identidades, pois após a consumação do ritual hierogâmico²², os dois adormecem e ao acordar, repetem o ato sexual, uma vez que se sentiram atraídos um pelo outro, e então se reconhecem. Perdidos na culpa e na vergonha, o assunto se torna proibido entre os dois, posteriormente. Nesse ponto, Morgana se revolta contra Viviane, que era Senhora do Lago, e com a religião da própria Deusa, não aceitando o motivo pelo qual teve de se relacionar com o próprio irmão no ritual do Grande Casamento. O excerto a seguir representa esse momento da protagonista, sabendo estar grávida de Artur: “A mãe do Deus cristão rejubilara-se por Deus ter-lhe dado um filho, mas Morgana só podia revoltar-se, em amargo silêncio contra o deus que havia tomado a forma de seu irmão desconhecido.²³” (BRADLEY, 2008a, p. 227). Pela sua formação como sacerdotisa, o parentesco não deveria significar nada além da magia associada ao ritual. Contudo, o afeto sentido pelo irmão e os resquícios do pensamento cristão, aprendidos durante a infância, conforme discorreremos a seguir, fizeram com que Morgana relacionasse o ritual a um ato incestuoso e, portanto, pecaminoso. A partir disso, tornam-se mais freqüentes as comparações com a religião cristã, uma vez que Morgana está iniciando um processo de questionamento dos valores relacionados às suas crenças.

Cabe-nos salientar que a ruptura com Avalon representa uma grande perda para a personagem e esse fato tornar-se-á um fantasma em sua vida. Arrasada por se sentir usada por Viviane, Morgana foge de Avalon, carregando no ventre o fruto da união com o próprio irmão. Ela pensa em abortar a criança, visto que era um filho de uma relação incestuosa e seria vítima do olhar preconceituoso daquela sociedade. Por meio desse pensamento, podemos perceber os resquícios da educação cristã que recebera durante a infância, conforme dito anteriormente. A revolta da personagem ocorre devido ao próprio julgamento que oscila entre virtude e pecado. Esses aspectos, antagônicos na religião cristã, nenhuma importância apresentam na tradição da Deusa, cuja fundamentação encontra-se na simples união dos seres, escolhidos e preparados física e espiritualmente para cumprir um destino, respeitando os ciclos naturais de vida-morte-vida. (BARROS, 2001) Após um dilema interno, Morgana aceita dar à luz ao filho, mas o deixa aos cuidados de sua tia, Morgause – que, nesse momento, já era uma rainha muito poderosa no reino de seu marido, Lot, e vê na criança a possibilidade de um engrandecimento político para sua família. Assim, o primeiro tomo se

²² Referente à *hieròs-gámos*, conforme citado no capítulo dois.

²³ “The Mother of the Christian God had rejoiced in the God that had gigen her a child, but Morgaine could only rage in silent bitterness against the God who had taken the form of her unknown brother.” (BRADLEY, 2000, p. 211)

encerra, com uma atmosfera de dúvidas, as quais crescem à medida que Morgana passa a conviver novamente no mundo exterior a Avalon.

3.2.2 Tomo Dois: A Grande Rainha²⁴

No segundo tomo de *As Brumas de Avalon*, observamos uma Morgana cada vez mais duvidosa em relação à fé, sempre em comparação com o Cristianismo, como já iniciado no tomo anterior. Ela não aceita que Viviane a mandara realizar o ritual do casamento sagrado com o próprio irmão. Mesmo com sua formação de sacerdotisa, Morgana parece distanciar-se de sua fé neste momento, uma vez que considera impuro o incesto.

Para iniciarmos a discussão relativa à confusão da protagonista, tomemos como ponto de partida o excerto a seguir, o qual sintetiza o pensamento de Morgana: “Um padre diria que é a recompensa do pecado. Ouvi isto com muita frequência pelo padre de Igraine, antes de ter ido para Avalon. Serei, no coração, mais cristã do que acredito?²⁵” (BRADLEY, 2008b, p. 102). Isso demonstra que a fé da personagem está abalada. Ela oscila entre as dúvidas ocasionadas pelo rancor em relação à Viviane e sua própria fé, sempre comparando as escrituras cristãs com os mistérios pagãos como, por exemplo, na discussão oriunda no casamento de Artur sobre ser impróprio a uma mulher cantar em público, especialmente durante uma festa:

Se Maria Madalena tocava harpa e dançava, ainda assim foi salva, e em lugar nenhum está escrito que Jesus lhe tenha dito para calar-se com humildade. Se ela derramou bálsamo precioso na cabeça do Senhor, e este não permitiu que os discípulos a censurassem, bem poderia ter recebido com agrado os outros dons que ela lhe ofertara! Os deuses dão aos homens o que têm de melhor e não o pior.²⁶ (BRADLEY, 2008b, p. 63)

Desse modo, Morgana passa seus dias na corte de Artur, remoendo o rancor, ao mesmo tempo em que continua reproduzindo alguns discursos advindos da própria religião pagã, sentindo-se saudosa dos tempos em que vivia em Avalon. “Por vezes, não sei em que

²⁴ The High Queen.

²⁵ “A priest would say this was the wages of sin. I heard such, often enough, from Igraine’s house priest before I went to be fostered in Avalon. At heart am I more of a Christian than I know?” (BRADLEY, 2000, p. 326)

²⁶ Morgaine flashed, “If Mary of Magdala – I mind the story – played on the harp and danced, still she came to be saved, and we are nowhere told that Jesus told her to sit meekly and be silent! If she poured precious balm on the head of Jesus and he would not let his Companions rebuke her, he may well have enjoyed her other gifts as well! The Gods give of their best, not their worst, to men!” (BRADLEY, 2000, p. 289)

acredito. Talvez tenha ficado tempo demais longe de Avalon.²⁷” (BRADLEY, 2008b, p. 97). Essa última citação mostra Morgana conversando com Lancelote, corroborando com a ideia acerca de seu saudosismo de Avalon. Devemos lembrar, ainda, que é neste período que ela mais deseja Lancelote. O cavaleiro, porém, só possui olhos para a Rainha Gwenhwyfar, o que faz com que Morgana se sinta rejeitada, aumentando a sensação de solidão, infelicidade e terror.

Após a desilusão com relação à Lancelote, Morgana decide partir da corte de Artur e retornar a Avalon. Porém, como perdera a sensação de pertencimento e sentia-se como uma traidora da religião, não conseguiu dispersar e adentrar as brumas, encontrando, ao invés de Avalon, o País das Fadas²⁸. Podemos dizer que esse lugar representa um mergulho no inconsciente da personagem e, portanto, um período de entorpecimento e afastamento da realidade. Aqui Morgana experimenta sensações e percepções que vão além daquelas proporcionadas em Avalon e que a fazem perceber a realidade que tenta negar com relação ao seu papel de sacerdotisa e, conseqüentemente, herdeira do reino de Avalon. Ela só desperta dessa condição quando ouve um grito do mundo exterior, oriundo da sacerdotisa Raven, devido à traição de Artur aos povos que seguem a religião da Deusa. Esse foi o momento em que Gwenhwyfar, com cega obediência aos sermões dos padres, triunfou, pois obrigou Artur, numa batalha importante, a renunciar a bandeira do “Pendragon” por uma contendo a imagem da virgem, bordada pela própria Gwenhwyfar. Desse modo, Morgana recobra a razão e decide continuar seu caminho no mundo, mesmo sem entender sua missão. “Pois quando ouvi Raven dar aquele grito aterrorizador, que varou os espaços entre os dois mundos e chegou até mim, onde eu estava, no sono intemporal do mundo encantado, eu parti... mas não para Avalon.²⁹” (BRADLEY, 2008b, p. 186).

Se até a saída da corte de Artur, Morgana se encontrava revoltada, com a fé abalada e confusa, quando reaparece, é uma Morgana cheia de culpas: culpa por se afastar do lar (Avalon); por se afastar da Deusa; por não estar no leito de morte da mãe, já que se encontrava entorpecida no ‘País das Fadas’; além do medo por sentir que nunca mais poderia voltar a Avalon. Em seu delírio, pensou, também, na possibilidade da inexistência de deuses e deusas, conforme conversa anterior com Lancelote: “E lembrou-se do que Lancelote lhe

²⁷ “Sometimes, I do not know what I believe. Perhaps I have been too long away from Avalon.” (BRADLEY, 2000, p. 321)

²⁸ Lugar descrito no Romance como uma terra distante da realidade do mundo, assemelhando-se a um sonho, onde o tempo não corre, onde os dias se confundem com as noites.

²⁹ “For when I heard Raven in that terrifying cry which moved into the spaces between the worlds, reaching my mind even where I stayed in the timeless dream of the fairy dream, I set forth... but not to Avalon.” (BRADLEY, 2000, p. 408)

dissera, em seu desespero, de que não havia deuses nem deusas, que eles eram apenas formas que a humanidade dava, aterrorizada, àquilo que não podia compreender racionalmente.³⁰” (BRADLEY, 2008b, p. 176). O desejo de reassumir o poder que lhe era conferido por Avalon, também começa a lhe aparecer, buscando informações de Estado com Kevin, o Merlim da Bretanha, e pensando que era ela quem deveria tomar as decisões que mudariam o rumo do país, pela influência que acreditava que Avalon ainda possuía no mundo. Havia também preocupação com a substituição de Viviane, já que a tia se encontrava bem idosa para o cargo de Senhora do Lago.

A partir do exposto, percebemos que o dilema do final do segundo tomo, em relação à Morgana, ainda gira em torno da confusão, da culpa e do remorso por ter renunciado à ilha sagrada de Avalon e não ter compreendido o verdadeiro significado do ‘casamento sagrado’. No entanto, a personagem inicia um lento despertar de sua condição de sacerdotisa, reavivando a tatuagem em forma de meia-lua na testa, em seus pensamentos e ações, além da compreensão de sua função no mundo fora da ilha sagrada. Esse aspecto, porém, desenvolveremos na próxima subseção, por ser um dos princípios que compõem o cenário de *O Gamo-Rei*.

3.2.3 Tomo Três: O Gamo-Rei³¹

Podemos dizer que no terceiro tomo da obra observamos dois momentos distintos em relação à Morgana: um rodeado de dúvidas sobre seu papel no mundo como sacerdotisa, oriundos da culpa e do remorso do abandono à religião; e outro referente ao momento em que ela retoma seu poder como sacerdotisa e renova sua fé, em definitivo. Instaure-se, nesse ponto, um renascimento espiritual na protagonista, uma busca incessante pela Deusa. Devemos lembrar que, anteriormente, Artur carregara em batalha apenas a bandeira representativa do Cristianismo, a pedido de Gwenhwyfar, traindo seu juramento à Avalon e faltando com o compromisso de lealdade a todos os povos, não importando o culto que seguissem. Este, porém, era o momento de Viviane relembrar-lhe da promessa, quando fora feito Gamo-Rei, episódio que resultou na união sexual entre ele e Morgana, como ato simbólico do casamento do rei com a terra. As dúvidas de Morgana relativas a esse período podem ser percebidas no trecho a seguir: “Será meu dever falar com Artur sobre seu

³⁰ “And then she recalled what Lancelot had said in his despair, that there were neither Gods nor Goddess, but these were the shapes mankind gives, in terror, to what they cannot make into reason.” (BRADLEY, 2000, p. 398)

³¹ The King Stag.

compromisso com Avalon? Ele conduziu a imagem da Virgem na batalha de Monte Badon; ele deixou de lado a bandeira do Dragão e agora entregou um dos mistérios maiores para os padres cristãos.³² (BRADLEY, 2008c, p. 42). Sendo assim, é perceptível existir uma personagem ainda insegura em relação aos seus desejos e compromissos. A reviravolta tem início a partir do assassinato cruel à Viviane³³, em ocasião de Pentecostes, quando Artur reunia todos os antigos companheiros em tempos de paz e realizava audiências públicas em auxílio do povo. Diante de todo o tumulto, Artur ordena que Viviane seja enterrada com honras em Glastonbury, ou seja, uma terra cristã. Morgana não aceita o fato, iniciando um período de maior fanatismo em relação aos preceitos da religião da Deusa. Essa foi a fase de maior agitação para seu retorno completo como sacerdotisa. Ela já não possui mais vergonha no que diz respeito à relação incestuosa ocorrida entre ela e Artur quando jovens, uma vez que há o predomínio do pensamento da sacerdotisa Morgana, sem levar em conta as opiniões subjetivas. Prova disso é a conversa entre ela, Artur e Gwenhwyfar, quando o rei fica sabendo que tem um filho vivo, sendo criado na corte de Morgause.

Gwenhwyfar, você se preocupa demais com o pecado. Não cometemos nenhum pecado, Artur e eu. O pecado é a intenção de fazer o mal. Nós nos juntamos por vontade da Deusa, das forças da vida, e se disto nasceu uma criança, então foi gerada no amor, qualquer que tenha sido o motivo de nossa união.³⁴ (BRADLEY, 2008c, p. 108)

Logo após esse episódio, Morgana aceita se casar com o Rei Uriens, de Gales do Norte, mas quem lhe interessa é o enteado, Acolon. Por meio dele, ela sente que pode voltar à condição de sacerdotisa e realizar o trabalho que a Deusa lhe tinha destinado. Em meio àquele casamento, praticamente forçado, observamos que Morgana ainda se encontra em um momento de passividade perante as decisões dos homens, especialmente de Artur. Os pensamentos da personagem circundam seu dever com Avalon, sua liberdade enquanto mulher segundo a tradição da Deusa, seu livre arbítrio para tomar as decisões de acordo com o próprio juízo. Todavia, suas atitudes mostram uma mulher sem certeza das próprias decisões,

³² “Is it my task to speak to Artur about his duty to Avalon? He bore de image the Virgin into battle at Mount Badon; he laid aside the dragon banner; and now he has turned one of the greater Mysteries over to Christians priests.” (BRADLEY, 2000, p. 487)

³³ No romance, Viviane é assassinada por Balim, em razão de uma vingança. Anteriormente, ela esteve com a mãe de Balim, a qual se encontrava muito doente. Como forma de aliviar o sofrimento, e a pedido da própria enferma, Viviane lhe prepara ervas, as quais culminam em sua morte. Desse modo, Balim acreditava que Viviane se tratava de uma maligna feiticeira e, como tal, deveria pagar pelo ‘assassinato’ cometido contra sua mãe, ocasionando o terrível crime na frente de toda a corte de Artur.

³⁴ “Gwenhwyfar, you think tõe much of sin. We did no sin. Artur and I. Sin is in the wish to do harm. We came together by the will of the Goddess, for the forces of life, and if a child came to birth, then it was made in love, whatever brought us together.” (BRADLEY, 2000, p. 531)

ainda confusa e, de certo modo, submissa. Por meio desse casamento sem amor, ela se sente morta, distante da vida dos ciclos naturais. “A primavera volta sempre e sempre, a ela segue-se o verão com seus frutos. Mas eu estou só e estéril, como uma dessas virgens cristãs trancadas através das paredes de um convento. [...] Tudo ali estava cinzento e estéril.”³⁵ (BRADLEY, 2008c, p. 129).

O retorno completo de Morgana ao papel de sacerdotisa ocorre a partir do momento em que ela se une, de fato, a Acolon, pois ele também trazia tatuado em seu braço o ‘dragão’, símbolo de sua lealdade com a Deusa. União consolidada não por um simples desejo ou luxúria de ambos, mas como forma de um representar para o outro o trabalho a ser realizado naquele mundo. Em outras palavras, juntos eles representavam a conjunção entre o sacerdote e a sacerdotisa. Eles não eram amantes, eram os reis daquela terra para aquele povo.

Morgana torna-se ciente da plenitude de sua função. Depois de anos afastada de seu compromisso com Avalon, por sua culpa e revolta, ela retorna, por ocasião do Solstício de Verão. Ela sente, novamente, o sangue pulsando-lhe a vida e a força das estações em seu corpo. Juntamente com essa reviravolta, cresce, também, o desejo pelo poder. A personagem compreende os planos originais de Viviane, ou seja, fazer com que Morgana tivesse uma grande influência sobre Artur e o reinado da Bretanha. O rei seria, em última instância, um fantoche, pois a terra seria realmente governada pelas mãos de uma mulher. Em vez disso, Morgana deixara Artur cair nas influências de Gwenhwyfar e, conseqüentemente, dos padres. De acordo com as palavras da própria personagem:

Em certa época, também Morgana havia tido influência com Artur – a influência da mulher que primeiro possuía ao se transformar em um homem, que tinha, para ele, o rosto da Deusa. Não obstante, em sua loucura e seu orgulho, ela o deixara cair nas mãos de Gwenhwyfar e dos padres. Agora, quando era tarde demais, começava a compreender qual fora a intenção de Viviane.³⁶ (BRADLEY, 2008c, p. 139)

Desse modo, mesmo sabendo ser tarde demais, Morgana considera missão sua reclamar a espada Excalibur de Artur, bem como relembrar-lhe do juramento de proteger todos os povos da Bretanha, que fora quebrado quando o rei carregou em batalha apenas a bandeira cristã. Isso, aliado ao desejo de poder, faz a protagonista planejar a morte do outro

³⁵ “Spring comes again and again, and the Summer follows with its fruitfulness. But I am as alone and barren as one of those locked-up Christian virgins within convent walls. [...] all was grey and barren here.” (BRADLEY, 2000, p. 571)

³⁶ “And there had been a time, too, when Morgaine had had influence with Artur – the influence of the woman he had first taken in coming to manhood, Who wore, for him, the face of the Goddess. Yet, in her folly and pride, she had let him fall into the hands of Gwenhwyfar and the priests. Now, when it was too late, she began to understand what Viviane had intended.” (BRADLEY, 2000, p. 581)

enteado, Avalloch, a fim de que Acolon se tornasse rei de Gales do Norte, logo após Uriens; depois, assumiria a coroa da Bretanha, junto com Morgana, derrubando Artur.

Antes disso, porém, Morgana retorna a Avalon, sentindo aquela velha insegurança de não saber se seria capaz de chamar a barca, tampouco, dissolver as brumas e entrar novamente em sua terra. Quando efetua o movimento e adentra os territórios sagrados, um sentimento de alívio se apossa dela, juntamente com a renovação total da força como sacerdotisa da Deusa. Por meio de um sonho, Raven é responsável por reconsagrá-la, encontrando-se, depois, em igualdade com a atual Senhora do Lago, Niniane³⁷. Morgana sente todo o ciclo de sua vida se refazendo:

Eu perdi a virgindade para o Galhudo. Eu tive o filho do Deus. Ardi de paixão por Lancelote, e Acolon fez-me, novamente, sacerdotisa nos campos arados que a Virgem da Primavera havia abençoado. Não obstante, eu não sabia o que era ser recebida simplesmente com amor. [...] Tive a impressão [...] de que era recebida nos braços da Grande-Mãe.³⁸ (BRADLEY, 2008c, p. 200)

Por fim, cabe-nos ressaltar que o final do terceiro tomo e início do quarto representam o momento de maior confronto de Morgana em relação aos valores cristãos. Juntamente com o *status* e a força do retorno da sacerdotisa, surge uma Morgana menos tolerante, a qual não mede esforços para realizar o trabalho que ela acredita ser essencial para retomar o culto à Deusa. Ela não aceita o domínio dos padres e está disposta, até às últimas consequências, a cumprir sua missão, denunciando o momento de extremismo religioso em sua trajetória.

3.2.4 Tomo Quatro: O Prisioneiro da Árvore³⁹

O quarto e último tomo da obra apresenta uma discussão bem mais acirrada em relação à religião. Como panorama geral, de um lado, vemos Morgana, plena de sua fé, beirando o fanatismo enquanto Senhora do Lago e, de outro, Kevin, o Merlim, o qual acreditava que os tempos da Deusa estavam acabando e que os mistérios dos druidas não deveriam ficar escondidos em Avalon, mas serem mostrados ao mundo, na nova fé que a Bretanha professava. Logo, esse é o momento de maior confronto entre cristianismo e

³⁷ Com a partida de Morgana e seu total afastamento de Avalon, uma substituta para Viviane deveria ser treinada e Niniane, filha de Taliesen, o Merlin, se torna a figura feminina ideal, até que Morgana reivindica seu lugar de direito.

³⁸ “I gave up my maidenhood to the Horned One. I bore a child to the God. I burned with passion for Lancelot, and Acolon created me priestess anew in the plowed fields which the Spring Maiden has blessed. Yet never have I know what it was to be received simply in love [...] It seemed [...] welcomed back into the arms of the Great-Mother.” (BRADLEY, 2000, p. 640)

³⁹ The Prisoner in the Oak.

paganismo, que culminará, posteriormente, na adaptação da protagonista ao mundo patriarcal já então consolidado. No entanto, dedicaremos uma seção à parte para discorrer sobre as consequências dessa adaptação ao mundo medieval na obra, além das implicações disso para a personagem Morgana, considerando toda a configuração político-social.

O Prisioneiro da Árvore, além de representar o período de maior tensão entre as crenças conflitantes, também pode ser associado ao momento de maior afirmação da identidade feminina da personagem Morgana, construída ao longo da obra. De acordo com as ideias de Moraes (2002), citada no primeiro capítulo deste trabalho, o encontro e o requerimento da identidade da mulher “é um processo contínuo e complexo, que envolve uma interação de crescimento, de mudança e de renovação na vida. [...] é responsável por nos posicionar no mundo e desenvolve novas essências do significado do estado de ser mulher.” (MORAES, 2002, p. 75). Sendo assim, observamos a protagonista enfrentar um processo para retomar a antiga posição de sacerdotisa e, mais ainda, conquistar o poder de Senhora do Lago. Se Morgana, durante o período de confusão nos tomos anteriores, acabara deixando-se dominar pela autoridade masculina, neste, apresenta uma posição extremamente contrária, desenvolvendo uma nova essência e um novo orgulho em ser mulher, como podemos observar na fala da personagem, a seguir: “Sou uma sacerdotisa, não preciso dar contas do que faço a nenhum homem.⁴⁰” (BRADLEY, 2008d, p. 29).

Contudo, podemos notar que o fanatismo de Morgana é o responsável, também, por sua ruína, afinal, ela invoca os poderes da Deusa para realizar obras, as quais, na verdade, refletem apenas o seu orgulho exacerbado. Na ânsia de punir Artur pela suposta traição à tradição da Deusa e aos povos que a seguem, ela o engana e o leva ao País das Fadas, para que Acolon pudesse lhe tomar Excalibur (espada das Insígnias Sagradas dos druidas), matá-lo e surgir como o novo governante da terra. Nessa batalha simbólica, Artur recupera-se e mata o rival, provando seu domínio e seu merecimento em ser rei da Bretanha. Desesperada, Morgana vai ao encontro de Artur e apenas consegue tomar a bainha mágica que ela mesma tecera por ocasião do casamento com a terra, em que Artur fora feito governante. A partir disso, ela pensa ter falhado em seu compromisso com a Deusa, adoecendo e recolhendo-se em Tintagel, lugar onde passara a infância, antes da morte de seu pai. Lá, a protagonista inicia um processo de luto, do qual só consegue se recuperar após a visita de Kevin e sua ida, em definitivo, para Avalon: “E, de repente, comecei a chorar. Chorei, afinal, por Acolon, que estava morto, por Artur, que agora, me odiava, [...] e por Viviane, que jazia morta entre os

⁴⁰ “I am priestess, I need make no accounting to any man for what I must do.” (BRADLEY, 2000, p. 675)

túmulos cristãos, e por Igraine, e por mim mesma, que passara por todas essas coisas.⁴¹” (BRADLEY, 2008d, p. 116).

Já em Avalon, Morgana e Raven tomam consciência da traição do Merlim, o qual profanou o cálice sagrado da Deusa, colocando-o a serviço dos cultos cristãos. Esse episódio é o que culmina na lenda do Graal e sua desenfreada busca, separando os cavaleiros de Artur. Tomemos o trecho a seguir como base para análise:

O cálice da Deusa, oh, Mãe, é o cadinho de Ceridwen, onde todos os homens são nutridos, e de onde todos os homens retiram as coisas boas deste mundo. Chamaram a Deusa, oh, vocês, padres obstinados, mas ousariam enfrenta-la se ela aqui viesse? Morgana cerrou suas mãos na mais fervorosa evocação de sua vida. Sou uma sacerdotisa, oh, Mãe! Use-me, eu rogo, como quiseres!⁴² (BRADLEY, 2008d, p. 129)

O fato de um dos principais mistérios pagãos ter se tornado uma das lendas mais poderosas do cristianismo não parece ocorrer por acaso. Isso prova indícios da adaptação das crenças pagãs sendo transpostas para os dogmas cristãos. Esse aspecto será mais bem explanado na próxima seção, mas ele representa um momento de transição para o mundo retratado na obra, bem como para Morgana, a qual começa a compreender a razão da fé cristã se tornar tão forte no reinado de Artur, até culminar em seu pleno amadurecimento na fé, ou seja, a crença de que todos os deuses são um só e todas as deusas são uma só. Antes disso, no entanto, Morgana chega à constatação de que a figura da Deusa estava encarnada em suas familiares e mulheres que foram peças-chave na configuração da Bretanha, como Igraine, Viviane, Morgause e, inclusive, ela mesma: “Eu sou a rainha agora. Não existe nenhuma Deusa a não ser esta, e eu sou ela.⁴³” (BRADLEY, 2008d, p. 175).

Já a compreensão profunda de que a tradição da Deusa não havia se extinguido no cristianismo, mas personificava-se na figura da Virgem Maria, fez com que a crença na mãe como divindade também se adaptasse ao novo cenário religioso. Os detalhes dessa adaptação, em relação à Morgana e as consequências da perpetuação desse culto serão vistas a seguir.

⁴¹ “And suddenly I began to cry. I wept, at last, for Acolon lying dead on his pall, and for Artur, who hated me now, [...] and for Viviane, lying dead beneath a Christian tomb, and for Igraine, and for myself who had lived through all these things.” (BRADLEY, 2000, p. 757)

⁴² “In the cup of the Goddess, O Mother, in the cauldron of Ceridwen, wherein all men are nourished and from which all men have all the good things of this world. You have called upon the Goddess, O ye willful priests, but will you dare her presence if she should come? Morgaine clasped her hands in her most fervent invocation of her life. I am thy priestess, O Mother! Use me, I pray, as you will!” (BRADLEY, 2000, p. 770)

⁴³ “I am the Queen now. There is no Goddess but this, and I am she.” (BRADLEY, 2000, p. 815)

3.3 O RESGATE DA DEUSA NA SOCIEDADE PATRIARCAL

Até o presente momento deste trabalho, ponderamos acerca do confronto de Morgana com o cristianismo em ascensão. A personagem considera dever seu manter os cultos pagãos vivos na memória e na identidade do povo bretão, não aceitando a religião cristã, em virtude da preponderância do masculino sobre o feminino, oriunda dessa nova fé. Desse modo, ela renega tudo o que advém da crença cristã, mesmo com as repetidas ideias transmitidas por Taliesin, Kevin e pela própria Viviane, sobre o papel dos deuses no imaginário popular e a consequência de que todos os deuses seriam apenas um e todas as deusas, apenas uma, não importando a fé que professassem. “Deus é chamado por muitos nomes, mas é o mesmo, em toda parte; assim, quando você reza à Maria, mãe de Jesus, reza, sem o saber, para a Mãe do Mundo em uma de suas muitas formas.”⁴⁴ (BRADLEY, 2008a, p. 149). Esse último excerto apresenta uma fala de Viviane, respondendo perguntas de Morgana, quando era apenas uma garota. A protagonista somente toma consciência da força dessas palavras a partir do momento em que reconhece a Deusa na figura de Virgem Maria, no fim do tomo quatro. Já idosa e consciente do isolamento de Avalon em relação ao restante do mundo, ela decide visitar o túmulo de Viviane, o qual fora construído em Glastonbury, ou seja, uma terra essencialmente cristã. Observando as freiras e seus hábitos de vida, bem como a devoção associada à figura de Maria, mãe de Jesus, Morgana compreende que se tratava da Grande-Mãe, em um momento de grande revelação:

- Mãe – murmurou -, perdoai-me. Pensei que tinha de fazer o que, agora vejo, podeis fazer por vós mesma. A Deusa dentro de nós, sim, mas agora eu sei que estais no mundo também, agora e sempre, tanto quanto estais em Avalon e nos corações dos homens e mulheres. Ficai comigo, também, guiai-me, dizei-me o momento em que deverei deixar-me levar por vossa vontade...⁴⁵ (BRADLEY, 2008d, p. 238)

Portanto, é interessante elucidarmos o percurso da transposição do culto pagão à Deusa-Mãe para Maria, analisando as razões dessa mudança de paradigma em relação às religiões na Idade Medieval. De acordo com as concepções de Barros (2001), exploradas de modo análogo no primeiro capítulo deste trabalho, o cristianismo surgiu de modo a substituir

⁴⁴ “God is called by many names, but is everywhere One; and so, when you pray to Mary, mother of Jesus, you pray, without knowing it, to the World Mother in one of her many forms.” (BRADLEY, 2000, p. 134)

⁴⁵ “Mother”, she whispered, “forgive me. I thought I must do what I now see you can do for yourself. The Goddess is within us, yes, but now I know that you are in the world too, now and always, just as you are in Avalon and in the hearts of all men and women. Be in me too now, and guide, and tell me when I need only let you do your will. . . .” (BRADLEY, 2000, p. 876)

a supremacia do Deus-Pai. Nessa visão, o Todo-Poderoso teria enviado seu Filho a fim de salvar a todos e instituir uma crença baseada na igualdade e no respeito ao próximo. Em outras palavras, “o cristianismo trazido pelo esperado Messias tentou se colocar como a religião do Filho, como aquela que, abandonando Mãe e Pai, acenava com a possibilidade de uma igualdade, porque transformava toda a humanidade numa irmandade.” (BARROS, 2001, p. 143). Sendo assim, o tempo cíclico seria deixado para trás, isto é, antes de Cristo (a.C), instaurando-se uma nova Era na humanidade, marcando o princípio de um novo tempo, medido de modo linear (depois de Cristo - d.C). No entanto, essa estratégia não obteve sucesso, visto que representava uma perda muito abrupta da antiga fé para o povo. Cristo podia ser o Filho, mas, atrás Dele, estariam seus progenitores. O papel de Maria pouco foi descrito nas escrituras bíblicas, fazendo com que o imaginário popular preenchesse as lacunas do poder da Mãe, transferindo aspectos das crenças pagãs para a nova fé.

Em *As Brumas de Avalon*, as comparações entre a Deusa e a Virgem Maria ocorrem na medida em que clarificam a visão de Morgana em relação à constituição de uma única divindade, não importando o nome atribuído a ela. Porém, o aspecto principal de ambas, ou seja, sua categorização como Mãe do Mundo pode ser desmembrada em outras semelhanças decorrentes desse processo. Tomemos o excerto a seguir como exemplo:

Nas religiões pagãs, sempre foi comum a ideia de que os deuses masculinos podiam gerar filhos nas mulheres terrestres transformando-as numa emergência da Deusa, enquanto o filho assumia o papel do herói. Esta prática, conhecida como *hieròs-gámos*, dizia respeito ao casamento de um deus com uma mortal. Maria ao aceitar conceber pelo Espírito Santo, ao aceitar que seu corpo, sua matriz, se transformasse no receptáculo da vida divina, reproduz os rituais do casamento sagrado, rituais apontados sempre como de caráter maternal e incestuoso, na medida em que a Deusa era a Mãe de toda a humanidade. (BARROS, 2001, p. 146)

O princípio da essência de Mãe do Mundo representa um caráter simbolicamente incestuoso por natureza e trata-se de um aspecto presente em ambas as crenças, assim como gerar um filho a partir de um Deus, mostrando a importância da alusão ao Grande Casamento. A Igreja, percebendo esses aspectos míticos sendo reutilizados e reimaginados pela memória da população, tratou de denegrir a imagem do feminino, associando esse encanto produzido pela mulher ao demônio. Assim, à Maria foi atribuído o elemento virginal da procriação. Se no paganismo a virgindade da Deusa se encontrava na sua liberdade sexual, associado ao fato de ela seguir os cursos da natureza, no cristianismo, a virgindade passou a ser sinônimo de qualidade física e relacionada à submissão da mulher perante o homem, já que era ele quem controlava a vida da mulher. Desse modo, antagonicamente à Virgem Maria, a Igreja recriou

o papel de Eva: “Eva foi aquela que acreditou na serpente e obedeceu-lhe. Maria acreditou no anjo e privilegiou o Senhor. Eva trouxe a queda, o pecado, a Morte. Maria trouxe a salvação, a redenção, a Vida. Ambas foram apontadas como *Mães da Humanidade*.” (BARROS, 2001, p. 151).

Campbell (2011), por uma perspectiva de análise mítica, também acredita na fusão das crenças cristãs e pagãs na história da humanidade. Para ele, o que existe na tradição católica “[...] é a fusão da ideia hebraica, patriarcal, monotéística, do Messias, como o destinado a unir os poderes espiritual e temporal – e da ideia clássica, helenística, do Salvador, como filho da Grande Deusa, morto e ressuscitado através do nascimento virginal.” (CAMPBELL, 2011, p. 190).

Todavia, a própria Barros (2001) nos esclarece que a adoração à Maria não pode ser apenas considerada como uma cristianização do culto à Deusa pagã, pois isso seria simplificar um processo bem mais complexo. Dito de outra maneira, conforme observamos no primeiro capítulo deste trabalho, a tradição pré-histórica que cultuava a Mãe foi desbancada pela religião do Pai (judaísmo) e depois pela do Filho (cristianismo). Se considerarmos a emergência da figura de Maria na religião cristã, perceberemos que não se trata de uma simples fusão entre o paganismo e o cristianismo, mas surge como uma manifestação do imaginário dos povos que não permitiram que a Grande-Mãe fosse excluída de história. É exatamente em cima desse processo que ocorre a adaptação de Morgana ao mundo patriarcal, pois, embora tenha percebido as semelhanças inerentes à caracterização, tanto da Deusa, quanto da Virgem Maria, a protagonista finalmente compreende o complexo princípio que tornaria possível essa transposição de cultos.

Para finalizar esta seção, é interessante aprofundarmos a questão da simbologia do Graal, apresentada no último tomo de *As Brumas de Avalon*, por se tratar de um aspecto essencial à adaptação de Morgana e de sua visão em relação às religiões. O surgimento do Graal, no romance, ocorreu por meio da traição de Kevin, o Merlim da Bretanha, à religião da Grande Deusa. Como Merlim, sua função era ser mensageiro dos deuses e levar notícias de um lado ao outro no reino. Kevin acredita que os dias da crença na Deusa haviam se findado e que a nova religião dominaria o mundo a partir de então. Por esse motivo, ele utiliza um objeto sagrado de Avalon em uma celebração cristã, fato que, para Morgana, representava o ato máximo de profanação dos mistérios da Deusa e de traição para com a religião. Apesar de haver divergências em relação à origem celta da lenda do Graal, parece haver um consenso, de acordo com Barros (2001), de que o objeto, ora apresentado como cálice, ora como

caldeirão, possuía propriedades mágicas e representava a iluminação a que todos os seres humanos almejam.

Na obra, Morgana viaja com Raven até Camelot, com o intuito de resgatar as sagradas regalias e fazê-las retornar ao lugar de origem. Desse modo, Morgana assume a forma da Deusa e faz todos da corte beberem do cálice sagrado e se alimentarem daquela poderosa energia emanada a partir da regalia: “O cálice, alguns disseram mais tarde, estava invisível; outros contaram que brilhava como uma grande estrela que cegava todos os olhos que o miravam. [...] ela ouviu aquela lenda repetidas vezes, e por aquele símbolo, ela sabia que aquilo que carregava fora o cadinho de Ceridwen.”⁴⁶ (BRADLEY, 2008d, p. 130). Por meio desse trecho, fica evidenciado que cada um enxergou a cena de acordo com as próprias convicções. A partir disso, os companheiros de Artur partem para tentar reencontrar o Graal, uma vez que ele sumira após a celebração. Morgana sabia que o objeto se tratava de um elemento sagrado para a crença da Deusa. Contudo, essa se tornou uma das lendas mais famosas do cristianismo, com alguns dizendo que se tratava do “cálice em que José de Arimateia teria recolhido o sangue que Cristo derramou na cruz.” (BAUER, 2001, p. 33), tornando-se uma extrema ironia para a protagonista.

O próprio episódio do Graal apresenta indicativos da adaptação dos cultos pagãos à religião cristã. O objeto, também chamado de Vaso Sagrado, contém, em si, o princípio do feminino. Nas palavras de Barros (2001), “o Graal, em qualquer forma que ele apareça é uma figuração feminina e a busca empreendida pelo cavaleiro exemplar é a procura do princípio feminino.” (p. 238). Logo, a busca representada pelos cavaleiros de Artur nada mais foi do que uma metáfora da procura pelo princípio feminino, o que, como tal, apresenta uma dualidade: o mesmo cálice capaz de oferecer plenitude e realização a aqueles que o observam, também é algo maléfico, capaz de levar à morte os que não são devidamente preparados. De fato, Galahad, filho de Lancelote, é quem encontra o Graal na obra (e também na maior parte das lendas referentes ao Período Medieval), e, após o contato com o objeto, ele morre. Do mesmo modo, o próprio Lancelote morre ao final do romance, pelo mesmo motivo de seu filho. Observemos o seguinte trecho, em relação à descrição simbólica do Vaso Sagrado:

Como recipiente, ele é útero, que acolhe e dá a vida; como conteúdo, é o seio que alimenta, produzindo a seiva, que renova e prolonga a vida. Mas para os culpados, para os que se apropriaram indevidamente do objeto, [...] o Graal fulmina, consome,

⁴⁶ “The chalice, some Said later, was invisible; others said that it shone like a great star which blinded every eye that looked on it. [...] again and again later she heard *that* tale, and by that token she knew that what she had borne was the cauldron of Ceridwen.” (BRADLEY, 2000, p. 771)

transforma em cinzas. Toda a ambigüidade que caracterizou a mulher foi assumida pelo Graal. (BARROS, 2001, p. 240).

Essa passagem resume as ideias que discutimos até o presente momento, ou seja, o aspecto feminino, considerado por meio de suas polaridades, sendo adaptado de uma fé para a outra. Conforme dito na subseção anterior, a percepção de Morgana acerca das diferentes visões em relação à significação do cálice, já foi um indício de sua adaptação ao mundo patriarcal, culminando na plenitude de sua maturidade como sacerdotisa ao perceber a associação da Deusa com a Virgem Maria e que o culto que ela tanto lutou para preservar evoluiu sem precisar de sua interferência. Merlim já havia pressagiado que tal fato se consumaria, pois, de acordo com a visão dele, os deuses não precisariam das interferências humanas para realizar as próprias vontades. E então, neste momento, Morgana percebe que nenhuma de suas missões tinham sido em vão e que a Deusa não se extinguiu. Ao fim, a protagonista chega à conclusão de que não precisaria usar a barca para voltar a Avalon, pois a ilha de Glastonbury e a própria Avalon eram simplesmente o mesmo lugar e, para ela, estando em Avalon, ou no mundo exterior, “sua tarefa estava cumprida.”⁴⁷ (BRADLEY, 2008d, p. 239).

⁴⁷ “Her work was done.” (BRADLEY, 2000, p. 876)

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Que o Ser em cada um de nós que é o 'ninguém',
 Ou seja, *el alma pura*,
 Sempre nos lembre que, não importa o que aconteça,
 Temos uma Mãe amorosa, mansa e feroz,
 Que espera que aprendamos, que nos comprometamos
 A ser mansamente ferozes, ferozmente mansos...
 Como ela.

(Clarissa Pinkola Estés, 2012)

Em nosso estudo, tivemos o intuito de examinar a trajetória da personagem Morgana, no romance *As Brumas de Avalon*, como uma forma de verificar o conflito existente entre ela e a nova religião que se instaurava na Bretanha, no Período Medieval. Em outras palavras, nos propusemos a esclarecer o confronto gerado entre o paganismo e o cristianismo, por meio da adaptação da protagonista ao novo cenário político-religioso da época.

Desse modo, averiguamos as raízes da institucionalização do patriarcado, atrelando os aspectos políticos aos religiosos, uma vez que estes não podem ser dissociados na formação da cultura bretã e suas influências no mundo ocidental. Morgana e Gwenhwyfar representam, em *As Brumas de Avalon*, forças antagônicas, ou seja, o paganismo e o cristianismo, respectivamente. Embora ambas apresentem momentos de questionamentos em relação às próprias crenças, até por se tratar de um processo típico de um período de transição na história da humanidade, elas lutam, aos seus modos, pelo que acreditam, tornando-as intrigantes e misteriosas. O romance de Marion Zimmer Bradley nos mostra os papéis femininos assumidos por essas duas forças antagônicas, como forma de questionar os valores admitidos a partir da consolidação da sociedade patriarcal na Idade Média. Nessa fase, ressaltamos a Igreja Católica, por concentrar a maior parte do poder nas mãos dos padres, os quais denegriam a mulher e a colocavam no patamar de maior pecadora da humanidade. De acordo com Barros (2001), “é a partir do momento em que a Igreja resolve se tornar uma Instituição que as heresias passam a representar um problema, na medida em que os hereges contestavam toda a organização que se pretendia vigorar.” (BARROS, 2001, p. 14). Tudo isso ocorre por causa da adaptação das crenças do povo pagão ao cristianismo, a qual advém de um complexo movimento de comparação com a própria fé.

É esse o processo que observamos em Morgana, em seus momentos de maior confronto com o cristianismo, uma vez que, no decorrer da obra, a protagonista frequentemente compara as duas crenças. Primeiramente, isso ocorre com a intenção de afirmar, para si mesma, as qualidades da própria fé, em detrimento da religião cristã. Num

segundo momento, já no fim da obra, as comparações são estabelecidas de maneira a perceber pontos de contato entre as duas crenças e a provável adaptação da fé pagã.

O processo ocorrido com Morgana, discorrido profundamente no capítulo três, nos permite, por fim, afirmar a complexa evolução de transposição de cultos ocorrida na obra. Para Barros (2001, p. 158), “os pais da Igreja perceberam que o cristianismo só seria aceito, dentro dos moldes católicos, se admitisse identificações com as crenças anteriores, sobrevivências de práticas e ritos populares.”. Como vimos na obra, a Deusa não se extingue, apenas adquire outro nome, sendo igualmente considerada como Mãe da Humanidade. Sendo assim, *As Brumas de Avalon* nos relembra o papel do feminino que, há muito, foi subvertido pelo advento da cultura patriarcal. Mesmo Maria, a mãe de Jesus, era mulher e, portanto, submissa à vontade de Deus, atuando como mediadora dos desígnios divinos, mas nunca a responsável por eles.

Ao explorarmos a obra de Bradley, deparamo-nos com o conceito de identidade feminina na sociedade patriarcal. Durante séculos, a identidade feminina foi construída através da imagem imposta pelo domínio masculino, ou seja, uma identidade constituída através de seu silenciamento. Hoje, porém, a preocupação com o feminino se faz mais presente no mundo. Precisamos salientar que a aceção de feminino não está sendo usada, aqui, apenas como sinônimo de gênero, mas:

[...] de uma atitude diante da vida, possível de ser manifestada por todas as pessoas. Pelo fato de estarmos vivendo a tanto tempo imersos em uma cultura, na qual predomina absoluta a polaridade masculina da divindade, necessitamos revalorizar a polaridade feminina, recuperando seus valores, para alcançar um equilíbrio, antes que possamos transcender esta dualidade. (KOSS, 2000, p. 13-14)

Logo, o romance de Bradley nos fornece ferramentas para repensar o feminino na sociedade atual. Estamos vivendo um momento de maior inquietação em relação à natureza, principalmente no que diz respeito às suas reações, as quais são oriundas de uma depredação sem critérios e o egoísmo da humanidade em utilizar os recursos naturais sem pensar nas conseqüências em longo prazo. Além disso, conforme observamos nos capítulos anteriores, o feminino está intimamente ligado à natureza, de modo que “ao destituirmos a mulher de sua relação intrínseca com a natureza nos tornamos estéreis e áridos em nossas relações entre nós e com o meio que habitamos.” (CABREIRA, 2006, p. 40). Dito de outra maneira, a sociedade patriarcal tornou-se um reflexo da distorção de valores decorrente da submissão do feminino.

Contudo, acreditamos que a percepção desse processo é o primeiro passo para tentar reverter a subversão masculino/feminino, analogamente à cultura/natureza. Somado a isso,

estudos como o nosso se propõem a resgatar os valores perdidos nos últimos séculos de dominação patriarcal. Desse modo, semelhantemente à metáfora do Graal na lenda arturiana, nós também buscamos o reencontro com princípio feminino na sociedade ocidental contemporânea. Esse reencontro, porém, não pode ser alcançado se apenas contrapusermos os princípios analisados nessa pesquisa (masculino e feminino), e sim se o reestruturarmos a partir de uma noção de equilíbrio entre essas duas polaridades.

Para concluir nossa pesquisa, é necessário explicitar que a análise da trajetória de Morgana é apenas um recorte de uma pluralidade de outros aspectos que podem ser desenvolvidos em estudos futuros. Elegemos a personagem Morgana, tendo em vista sua centralidade nos conflitos entre o paganismo e o cristianismo, sendo que ela pode ser considerada como uma das figuras femininas que mais se encaixam com os objetivos da nossa pesquisa. Todavia, o mesmo trabalho poderia se constituir a partir do exame da visão de Gwenhwyfar na obra, assim como personagens secundárias, como Morgause, a qual executa um papel importante como plano de fundo. Há, inclusive, a possibilidade de trabalhar com obras de outros autores que também mostram versões da lenda do Rei Artur, mas com enfoque em outras características ou outros personagens como, por exemplo, *As Crônicas de Artur*, de Bernard Cornwell. Nós também escolhemos como área de estudo a interface literatura/história, mas há espaço para pesquisas futuras, elegendo-se a interface literatura/psicologia, por exemplo. Além disso, diversas pesquisas tendo por base a significação mitológica do Graal na obra, por exemplo, poderiam enriquecer um novo estudo. Porém, esses são aspectos que fogem de nossos objetivos e, por este motivo, foram afastados do nosso enfoque.

REFERÊNCIAS

BARROS, Maria N. A. de. *As Deusas, as Bruxas e a Igreja: Séculos de perseguição*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2001.

BAUER, C. *Breve História da Mulher no Mundo Ocidental*. São Paulo: Pulsar, 2001.

BORDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BRADLEY, Marion Z. *The Mists of Avalon*. New York: Del Rey, 2000.

_____. *As Brumas de Avalon: A Senhora da Magia*. Rio de Janeiro: Imago, 2008a.

_____. *As Brumas de Avalon: A Grande Rainha*. Rio de Janeiro: Imago, 2008b.

_____. *As Brumas de Avalon: O Gamo-Rei*. Rio de Janeiro: Imago, 2008c.

_____. *As Brumas de Avalon: O prisioneiro da Árvore*. Rio de Janeiro: Imago, 2008d.

CABREIRA, Regina H. U. *A Condição Feminina na Sociedade Ocidental Contemporânea – Uma Releitura de A Letra Escarlate de Nathaniel Hawthorne – 2006*. 308f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Área de Concentração de Estudos da Condição Humana do Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

CAMPBELL, Joseph. *O Poder do Mito: entrevista concedida a Bill Moyers*. Org. Betty Sue Flowers. São Paulo: Associação Palas Athena, 1990.

DUBY, George. (Org.) *História da Vida Privada 2: Da Europa Feudal à Renascença*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

KOSS, Monika von. *Feminino + Masculino: Uma nova coreografia para a eterna dança das polaridades*. São Paulo: Escrituras Editora, 2000.

MARTINS, Ana R. *Morgan Le Fay: A Herança da Deusa. As Faces do Feminino na Mitologia Arturiana*. 2009. 293f. Dissertação (Mestrado em Estudos Anglísticos) – Especialização em Literatura e Cultura Inglesa – Diferença e Identidade, Universidade de

Lisboa, Lisboa, 2009. Disponível em <
http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/1937/1/ulfl072330_tm.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2012.

MORAES, Marcia. *Ser humana: quando a mulher está em discussão*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

MURARO, Rose M. *Textos da Fogueira*. Brasília: Letrativa, 2000.

PERROT, Michele. *As Mulheres e os Silêncios da História*. São Paulo: EDUSC, 2005.

QUINTINO, Claudio. C. *A Religião da Grande Deusa: Raízes históricas e sementes filosóficas*. São Paulo: Gaia, 2002.

REDMOND, Caroline S. *Shifting Mythology: The transformation of gender in modern Arthurians retellings*. 2010. 142f. Dissertação (Senior Study) – English Literature, Maryville College, 2010. Disponível em:
<http://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:uIazZloJbcYJ:scholar.google.com/+Shifting+Mytology:+The+transformation+of+gender+in+modern+Arthurians+retellings&hl=pt-BR&as_sdt=0,5>. Acesso em: 25 abr.